



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE HISTÓRIA

ISNALD RIBEIRO DA SILVA FILHO

NISE DA SILVEIRA:
A PSIQUIATRA ENTRE “LOUCOS” ARTISTAS E COMUNISTAS

Maceió
2020

ISNALD RIBEIRO DA SILVA FILHO

NISE DA SILVEIRA:
A PSIQUIATRA ENTRE “LOUCOS”, ARTISTAS E COMUNISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientação do Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

S586n Silva Filho, Isnald Ribeiro.
Nise da Silveira: a psiquiatra entre “loucos”, artistas e comunistas / Isnald
Ribeiro Silva Filho. – 2022.
54 f. : il. color.

Orientador: Anderson da Silva Almeida.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História: Bacharelado)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 46-47.
Anexos: f. 49-54.

1. Silveira, Nise da, 1905-1999. 2. Pacientes psiquiátricos. 3. Terapia
ocupacional. 4. Política. I. Título.

CDU: 94

AGRADECIMENTOS

Ao concluir este trabalho não poderia deixar de agradecer, pessoas que foram de fundamental importância na minha jornada acadêmica, pessoas que talvez nem se deram conta de que estavam me dando condições de seguir em frente, através de incentivos e dicas de como melhorar o desempenho na aprendizagem.

Agradeço à minha família, onde figuro como o quinto filho de uma prole de sete, melhor dizendo, cinco mulheres e dois homens, onde apenas três se dedicaram mais um pouco para chegar ao ensino superior.

Aos meus colegas de turma, esses, puxa vida! Foram muito importantes também, simplesmente pelo fato de serem todos muito jovens, com idades de serem meus filhos, eu era o vovô da turma.

Agradeço muito as pessoas dos arquivos por onde passei, todas elas foram muito cordiais comigo, muito obrigado.

Elizabete, minha esposa, Ericson e Isabelle, meus filhos, aos meus amigos: Jéssica, Érica, Pedro, Palmeira, Lídio, a Ennia e Luísa do arquivo da cúria, e os professores que tive, pela paciência e boa vontade em passar os conhecimentos a uma pessoa como eu que estava a mais de vinte anos fora de uma sala de aula.

Agradeço ao meu orientador pelo cuidado e consideração que teve comigo. A todos, muito obrigado de coração.

RESUMO

O presente trabalho é um estudo historiográfico sobre a alagoana Nise Silveira, destacando aspectos da sua trajetória, com uma breve biografia da mesma, e uma reflexão sobre o papel social da mulher nesse recorte temporal, e também as práticas inovadoras utilizadas no que se refere ao tratamento de pacientes psiquiátricos, com Terapia Ocupacional. O texto dialoga com a Nise no Partido Comunista, e os intelectuais, tanto da política como da Literatura, trazendo nomes, como: Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Olga Benário Prestes, Octavio Brandão e Laura Brandão, sendo esses últimos, dado um maior enfoque, devido à proximidade de amizade, que existiam com a médica. Traz uma percepção humanística que a psiquiatra exercia no Hospital, influenciada pelo médico Carl Jung, que fundou a psicologia analítica.

Palavras-chave: Nise da Silveira; Política; Psicanálise.

ABSTRACT

The present work is a historiographical study about Nise Silveira, born in Alagoas, given its personal, academic, political and literary trajectory. With a brief biography of her, and a reflection on the social role of women in this time cutout, in the third decade of the nineteenth century, and also the innovative practices used with regard to the treatment of psychiatric patients with Occupational Therapy. The text dialogues with the Communist Party, and the intellectuals, both from politics and from literature, bringing names, such as: Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Olga Benário Prestes, Octavio Brandão and Laura Brandão, the latter being given a greater focus, due to the proximity of friendship, that existed with the doctor. It brings a humanistic perception that the psychiatrist exercised at the Hospital, influenced by the doctor Carl Jung, who founded analytical psychology.

Key words: Nise da Silveira; politics; psychoanalysis

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Colégio Santíssimo Sacramento.	13
Imagem 2: Residência da família Silveira, no Centro da Cidade de Maceió.	14
Imagem 3: Nise da Silveira.	16
Imagem 4: Ficha Policial de Nise no Departamento Federal de Segurança Pública.	17
Imagem 5: Nise e Mário Magalhães da Silveira, seu marido.	20
Imagem 6: Nise da Silveira e C. G. Jung na inauguração da exposição do Museu do Inconsciente.	23
Imagem 7: Turma de formandos de 1926 da Universidade de Medicina da Bahia.	26
Imagem 8: Nise entre professores e alunos durante uma aula de anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia.	27
Imagem 9: Museu de Imagens do Inconsciente.	31
Imagem 10: Laura e Octavio Brandão.	40
Imagem 11: Nise por Di Cavalcanti/1958.	42
Imagem 12: O bloco operário e camponês: os comunistas vão às urnas.	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 NISE, A HÍGIA	12
1.1 <i>Nise, Comunista</i>	16
1.2 <i>Nise, Médica</i>	21
2 “ESTOU CADA VEZ MENOS DOUTORA, CADA VEZ MAIS NISE”	24
2.1 <i>Nise, entre a psiquiatria e a terapia ocupacional</i>	27
• 2.2 <i>arte e a “loucura”</i>	30
3 A DOUTORA, POLÍTICA E A LITERATURA	36
3.1 <i>O Partido Comunista do Brasil</i>	38
3.2 <i>Octavio Brandão e Laura Brandão</i>	39
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48
ANEXOS	50

INTRODUÇÃO

Existem muitos trabalhos referentes à psiquiatria, em especial sobre a médica alagoana Nise da Silveira, mais precisamente na área da saúde, trabalhos acadêmicos, monografias, teses de doutorado, mestrados, notas de pesquisas, resumos e artigos. Porém, elaborei o meu trabalho de pesquisa baseado em uma análise da vida e da obra de Nise da Silveira.

Muitos trabalhos acadêmicos, enfatizam as técnicas inovadoras da médica alagoana no que se refere ao tratamento de pessoas com doenças mentais, as mudanças feitas por ela no sistema de saúde da época, através de tratamentos alternativos, onde buscavam tratar os pacientes com técnicas que evitasse traumas no paciente, tais como o eletrochoque e/ou intervenções cirúrgicas.

A princípio eu gostaria de fazer a pesquisa buscando informações relativas ao seu cotidiano no período que morou em Alagoas, eu tentei entrevistar pessoas que conviveram com a médica, mas não foi possível. Então, visitei cartórios, arquivos, museus, locais públicos, repartições públicas que homenageiam a mesma, tais como o hospital da mulher, que consta: Hospital Nise da Silveira, nesta capital e Hospital Portugal Ramalho onde são aplicado seus métodos: Terapia ocupacional, terapias artísticas entre outras.

Ademais, em 2019, foi um ano que houve muitas homenagens em Maceió, a essa alagoana. Foi erguida uma estátua dela no corredor Vera Arruda, e através de um plebiscito com a população da cidade, também foi atribuído o nome de Nise da Silveira a uma rua no bairro Antares.

O interesse pela pesquisa com essa temática foi a partir da inquietação que sentia em saber através das leituras dos textos em sala de aula que a mulher não teve na historiografia sua voz com o mesmo tom que os homens, ou seja, não tinha o merecido destaque, sempre o homem aparece mais que elas, e quando surge, é escrita pelo olhar masculino.

No começo do curso pensei em fazer um trabalho com o tema: o papel da mulher na nossa sociedade. Um assunto com maior abrangência, depois optei por apenas um personagem da história de Alagoas. Por que não a médica Nise da Silveira, destacando Alagoas no contexto histórico e o quanto foi importante o trabalho dela na área da saúde, contribuindo com as futuras gerações de pesquisadores e pesquisadoras?

O primeiro capítulo traz uma pequena biografia da médica, desde o colegial, em Maceió, até o ofício de psiquiatra no Hospital Dom Pedro II, no Rio de Janeiro, em que problematizo questões de gênero, e faço uma análise, do envolvimento da mesma com os comunistas e literários. Percorri os lugares em que ela esteve em Maceió, fazendo uma reconstrução desses espaços no texto, onde a arquitetura torna subsídio para o entendimento da personagem Nise. Utilizou-se para a construção do capítulo, o Livro *Nise da Silveira*, organizado por José Otávio Motta Pompeu e Silva e o livro Alberto Saldanha, *A indústria Têxtil, a classe operaria e o Partido Comunista Brasileiro*, em Alagoas. Outro Conterrâneo que também trabalho é Luís Savio de Almeida, na obra, *Notas sobre o poder operário e comunistas em Alagoas*.

No segundo capítulo, trabalho a dinâmica da alagoana como médica, e como o estudo das ciências humanas por ela criou todo um aparato, que foi base para exercer a sua profissão de maneira mais humanística, utilizando a arte na terapia ocupacional para o bem-estar dos seus clientes. Incorporo no texto a epifania do Museu da Imagem e do Inconsciente, onde trago os pacientes para o centro do discurso. Além dos livros citados anteriormente, trago um material de artigos direcionados para a área de saúde.

Finalizo o terceiro capítulo, com a relação entre Nise com os intelectuais comunistas, traçando relações historiográficas com o contexto político do Partido Comunista Brasileiro e a figura da psiquiatra, na qual questiono o envolvimento da mesma com o partido, e sua amizade com o casal comunista Octavio Brandão e Laura Brandão; além de personagens da Literatura, como Graciliano Ramos, e Arte, Di Cavalcanti. As fontes utilizadas são *Memórias do Cárcere*, de Graciliano e *Novos Bárbaros*, de Historiadora Ana Paula Palamartchuk.

1. NISE, A HÍGIA ¹

Existe um imaginário heroico, que destaca no Brasil a figura política e social da médica alagoana. O fato dela ser médica, em um período que a medicina era majoritariamente masculina, nos dá condições para traçar a figura que foi Nise. O seu pioneirismo na área psiquiátrica rendeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais. Suas decisões ao longo da vida tiveram grande respaldo no cenário político do país, não apenas em questões ligadas à saúde, mas em questões humanísticas. O seu olhar perante as subjetividades e sociabilidades dos sujeitos que estavam marginalizados pela sociedade, saiu dos portões do hospital psiquiátrico, adentrando nas esferas do convívio social, modificando a maneira que familiares, amigos e profissionais de saúde tratavam sujeitos que tinham alguma doença psiquiátrica.

Nise nasceu em Maceió, em 15 de fevereiro de 1905², filha única, motivo pelo qual a mesma atribuía o fato de não conseguir se encaixar em certas situações, por não ter tido irmãos. Seu pai, foi professor de Matemática e Jornalista, diretor do “Jornal de Alagoas”³ Faustino Magalhães da Silveira. Sua mãe, pianista, Maria Lídia da Silveira. Nise sempre foi muito estudiosa, seus estudos primários e secundários foram no Colégio Santíssimo Sacramento⁴, colégio com educação religiosa e tradicional no estado alagoano, e foi cursar medicina na Bahia, com apenas 16 anos. Seu período de curso foi de 1921 a 1926, única mulher de sua turma, em um sala de 156 homens, e uma das pioneiras do Brasil a se formar. Isso é muito relevante para se pensar o contexto social e histórico de uma figura feminina nesse período, e o cotidiano da época⁵.

¹ Em grego antigo: Ὑγίεια), na mitologia grega, era a filha de Esculápio. Era a deusa da saúde, limpeza e sanidade (e posteriormente: a Lua), exercia uma importante parte no culto do pai.

² ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DE MACEIÓ. **Certidão de Batismo**. Livro 18, folha 114v, sob o número 354.

³ POMPEU E SILVA, José Otavio. **A arte na terapia ocupacional de Nise da Silveira**. 2011. 235p. Tese (Doutorado em Artes). UNICAMP, Programa de Pós-graduação em Artes, Campinas, 2011.

⁴ Fundado em 1904, mas sua origem é francesa, pelas irmãs do Santíssimo Sacramento (1715), chegaram no Brasil, primeiramente em Salvador. Em Alagoas, elas administraram o Colégio Santíssimo Sacramento e já mantiveram o Colégio Nossa Senhora do Bom Conselho, em Bebedouro-Maceió, na época que a escola era um asilo de órfãos.

⁵ POMPEU E SILVA, José Otavio. **A arte na terapia ocupacional de Nise da Silveira**. 2011. 235p. Tese (Doutorado em Artes). UNICAMP, Programa de Pós-graduação em Artes, Campinas, 2011.

Imagem 1: Colégio Santíssimo Sacramento.



Fonte <http://arquiteturaalagoana.al.org.br>. Acessado em: 11/11/2019.

A família Magalhães da Silveira, teve um papel importante na política alagoana. O relato mais antigo encontrado é a prisão de Luís José da Silveira, avô de Nise, por falsificar dinheiro, condenado a 10 anos e 8 meses de trabalhos forçados em Fernando de Noronha, depois conseguiu uma pena simples. Chegaram em Alagoas, em 1887, e estabeleceram negócios em União dos Palmares, seu avô faleceu em 1919, e seus filhos adentraram no mundo da política e comércio.⁶

Luiz Magalhães e José Magalhães da Silveira fundaram o Jornal de Alagoas, seu primeiro número foi publicado em 31 de março de 1908. Luís Silveira fora eleito em 1930, como deputado federal, escolhido como líder da bancada de Alagoas, fazendo campanha para Júlio Prestes, que viria ser deposto pela Revolução de 30.

O pai de Nise, Faustino Magalhães da Silveira, teve grande destaque como jornalista e diretor de jornal em Alagoas. A família da futura doutora, Nise da Silveira residiu no centro da cidade de Maceió, na Rua Conselheiro Lourenço de Albuquerque, local de seu nascimento. Casa bastante movimentada, por alunos do seu pai, que se preparavam para o vestibular de

⁶ Vide: S/A. **Famílias na política Alagoana do Século XX.**: Magalhães da Silveira. Disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/familias-na-politica-alagoana-do-seculo-xx-7-magalhaes-da-silveira.html>. Acesso: 11/11/2019.

Medicina e Direito na Bahia. Ela saiu da residência da foto abaixo, em 1921, para a Faculdade de Medicina na Bahia.

Imagem 2: Residência da família Silveira, no Centro da Cidade de Maceió, localizada na Rua Conselheiro Lourenço de Albuquerque, Nº 136.



Fonte: Acervo pessoal

Trazendo à tona a figura da mulher e todas as suas lutas por igualdade e direitos sociais no Brasil, um país que teve sua base familiar construída no patriarcado, onde prevalece o autoritarismo masculino, Nise, tinha outra visão. Casada com o médico sanitарista, que foi seu colega de turma, Mário Magalhães, havia um acordo entre ambos, para não ter filhos e se dedicarem apenas à carreira profissional. Talvez, tal acordo, fazia parte do conhecimento médico dos dois. O casal era médicos e sabia o risco de procriar, nessas condições de primo. Uma mulher que viveu em volta dos livros, se abastecendo da literatura de Machado de Assis e Spinoza, deixando as coisas do lar para o segundo plano, ou para nenhum plano, não sendo apenas moderna, mas humana:

Mas não comecei por Spinoza. Meu pai, que era professor de matemática, tinha uma biblioteca enorme, em Maceió, na qual eu lia muita literatura. Adorava, como até hoje adoro, Machado de Assis. Ele foi o meu primeiro mestre de psicologia. Havia muitos livros de filosofia na biblioteca e acabei lendo até Auguste Comte. Spinoza veio depois (...)

Me mostrando a existência de outros valores, perto dos quais os problemas que me inquietavam perderam importância. Spinoza me deu algo que eu não sabia que existia naquela ocasião: a unidade das coisas. Tudo é uno. Quando descobri que matéria e energia são uma coisa só, uma se transformando na outra, virei outra pessoa⁷

⁷ AUGUSTO, Sérgio. Cartas de uma Subversiva. A Folha de São Paulo. São Paulo, 5 de novembro de 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/11/05/mais!/32.html>. Acesso em: 04/10/2019.

As mulheres foram referenciadas na historiografia em diferentes épocas, rodeadas de estereótipos, que de alguma maneira as subestimaram, e as colocavam em uma posição inferior à masculina. Elas saíam da casa dos pais, tendo a figura paterna como o seu dono, e passava aos cuidados do esposo, que também virava o seu dono, nessa troca de valores e de poder, ao qual mulher era vista como uma figura frágil, que precisava de cuidados e proteção.

Para entender Nise da Silveira, é necessário compreender as condições históricas e sociais correntes no Brasil em sua época, bem como relacioná-las com a situação mundial, e o papel da mulher nessa sociedade. O ser mulher na década de 1930.

O Brasil na década de 1930 passava por grandes mudanças, revoluções e conflitos. Foi um período determinante. O mundo europeu no geral, estava sendo palco de inúmeras transformações, não só na política e economia, também na arte, cultura e ciência. Esse período, da quebra de bolsa de valores de 1929⁸, que causou um colapso na economia no mundo, tendo afetado também o Brasil, causando uma grande instabilidade social e política. O governo de Getúlio Vargas⁹, nesse recorte temporal, teve episódios de caça aos comunistas. Nise nesse período militou no Partido Comunista Brasileiro, por pouco tempo, sendo acusada pelos companheiros, segundo Mello, de Trotskismo¹⁰.

⁸ Conhecido também como a Grande Depressão, com inúmeros fatores negativos para a economia mundial, que persistiu durante toda a década de 30, sua causa está na oferta ser maior que a demanda, causando expressivo números de desempregados no mundo inteiro, sendo que variava seus efeitos de país para país. No Brasil, o café não conseguiu ser vendido para outros países. O governo brasileiro comprou e queimou toneladas de café. Esse acontecimento sem sombra de dúvidas acelerou a industrialização, e o surgimento de um número expressivo de trabalhadores urbanos. SAYED. Samim. Os efeitos das crises financeiras de 1929 a de 2008 no Banco do Brasil. In: **História econômica & História de empresas**, Rio de Janeiro, vol. 19, nº 2, pp. 439-468, 2016. Disponível em: <<http://www.abphe.org.br/revista/index.php/rabphe/article/view/345>>.

⁹ Foi presidente do Brasil durante dois mandatos, 1930 a 1945 e 1951 a 1954. No primeiro instalou a Ditadura do Estado novo, uma gestão teve caráter nacionalista e populista, criando um departamento de imprensa e propaganda para controlar as informações. Também perseguiu e prendeu todos que suspeitavam ser simpatizantes do comunismo. Para manter o diálogo com a classe trabalhadora criou o Ministério do Trabalho, em 1939. SILVA, Hélio. **Vargas: Uma Biografia política**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

¹⁰ Conjunto de ideias Marxistas baseadas no pensamento político e revolucionário de Leon Trotsky. Sendo considerada uma teoria ideológica comunista, faz oposição ao Stalinismo, não chega a ser uma teoria. Pois dá a possibilidade de cada um fazer a sua própria interpretação do Marxismo. Cf. MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira, caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Edições Automática/Hólos, 2014.

Imagem 3: Nise da Silveira.



Fonte: autores desconhecidos - Arquivo Nise da Silveira. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/nise>. Acesso em: 10/10/2019.

Nas artes e na literatura, o país já estava rompendo com algumas barreiras, que iniciou na década anterior, o modernismo¹¹ brasileiro, cheio de peculiaridades. Segundo os acadêmicos na década de 1930, o Brasil estava na segunda fase do Modernismo, um período de consolidação, principalmente da poesia, já tinha se distanciado com as questões da linguagem, que foi algo tão trabalhado na primeira fase (1922-1930), estando voltado agora para a questão da temática, onde se tinha uma poesia e prosa de ficção mais madura, com temas nacionalistas e regionalistas, que traziam uma inclinação filosófica e religiosa. Essa segunda fase traz grandes nomes, como: Vinícius de Moraes, Jorge de Lima, Murilo Mendes, Augusto Frederico Schmidt e Carlos Drummond de Andrade. A arte tinha um discurso com um grande teor de inquietação, uma inovação na arte, colocando à tona, temas do cotidiano. Isso era resultado de um grupo de intelectuais que estava tendo um novo olhar perante a sociedade, ressoando com influências também do velho mundo.

1.1. Nise, Comunista

Durante o governo ditatorial de Getúlio Vargas houve uma enorme perseguição não apenas contra integrantes do partido comunista, mas intelectuais, escritores e artistas. Nise foi presa pela primeira vez em 20 de fevereiro de 1937 sendo solta no mesmo dia, o motivo da prisão foi ter trabalhado como médica voluntária na União Feminina Brasileira. Em sua

¹¹ Após a primeira Guerra Mundial, surgiu um movimento cultural, que teve mais destaque na literatura e nas artes plásticas. Surgiu em 1922, com a Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Uma característica forte é a aproximação da linguagem escrita para a linguagem falada.

segunda prisão, em 26 de março de 1937, foi levada ao DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), logo após levaram-na para o Presídio Lemos de Brito, onde permaneceu até 21 de junho de 1937. No presídio, Nise de Silveira, ficou alojada na sala 4, também conhecida como “Sala das damas”. Espaço discutido na literatura, por ser o cenário de presas políticas, como Olga Benário Prestes e Elise Berger.¹²

O biógrafo de Olga, Fernando Moraes, relatou em seu livro a sala 4, e o cotidiano das presas ali, incluindo a médica alagoana Nise de Silveira. Nesse mesmo período, a mesma teve contato com o escritor alagoano Graciliano Ramos¹³, o mesmo relatou esse encontro, em sua obra *Memórias do Cárcere*: “Noutro lugar o encontro me daria prazer. O que senti foi surpresa, lamentei ver a minha conterrânea fora do mundo, longe da profissão, do hospital, dos seus queridos loucos” (RAMOS apud MELLO, 2014, p. 77).

Imagem 4: Ficha Policial de Nise no Departamento Federal de Segurança Pública.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES
DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

PLANILHA DE REGISTRO

Nome: NISE MAGALHÃES DA SILVEIRA

Nacionalidade: Brasileiro
Estado de Alagoas
Filho de: Faustino de Oliveira e de Lúcia da Silveira
Idade: ____ Anos. Nasceu em: 15 de fevereiro de 1905
Estado Civil: solteira
Profissão: Médica
Residência: ____
Motivo: ____

Notas Cromáticas

Cutis: ____ Cabelos: ____
Olhos: ____ Bigodes: ____
Barba: ____ Como usa: ____

Filiação morfológica e exame descritivo

Altura 1.: ____ cent.
Frente: Altura: ____ Inclinação: ____
Largura: ____ Sobancelhas: ____
Pálpebras: ____
Nariz: dorso: ____
Base: ____
Boca: ____ Labios: ____ Queixo: ____ Orelhas: ____
Marcas particulares, cicatrizes e tatuagens: ____

Fotografia tirada em ____ de ____ de ____

Assinatura do Identificado: ____ Identificado em ____ de ____ de 19__

SERIE

POLLEGARES	INDICADORES	MEDIOS	ANNULARES	MINIMOS

SEÇÃO

--	--	--	--	--

Polícia Civil do Distrito Federal
DIRETORIA GERAL DE INVESTIGAÇÕES
Fiscal de Ordem e Segurança
SYSTEMA VETTOR
Fotografia tirada em ____ de ____ de ____

Fonte: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/nise/>. Acesso em: 20/10/2019.

¹² POMPEU E SILVA, José Otávio. *A arte na terapia ocupacional de Nise da Silveira*. 2011. 235p. Tese (Doutorado em Artes). UNICAMP, Programa de Pós-graduação em Artes, Campinas, 2011, p. 67.

¹³ Alagoano, natural de Quebrangulo. Foi escritor, político, memorialista e Jornalista, sendo preso na Intentona Comunista, no Governo de Vargas, mas tarde filiou se ao Partido Comunista Brasileiro, militando ao lado de Grandes nomes, como Luís Carlos Prestes. É reconhecido internacionalmente, tendo inúmeras homenagens ainda em vida. Em Maceió, Alagoas é homenageado com uma estátua de Bronze na praia da Ponta verde, morreu de câncer de Pulmão aos 60 anos, em março de 1953. Sua Obra mais conhecida é *Vidas Secas*, sendo pela crítica o livro *Angustia* sua melhor produção.

Nise, em 1927, órfã dos pais e casada, foi morar no Rio de Janeiro com seu esposo, onde participou dos eventos artísticos e culturais na área de saúde e em outras áreas também, já filiada e com um número expressivo de amigos no Partido Comunista.¹⁴ A atuação de Nise no Partido Comunista, era superficial, ela assim que casou, com o Colega de Faculdade, Mário Magalhães da Silveira, alugou um quarto em Santa Tereza e tinha como vizinhos o literário Manuel Bandeira¹⁵ e o líder Comunista Octavio Brandão¹⁶. Esses foram os seus primeiros contatos com o partido.

Mesmo estando pouco tempo no partido, era vista para o governo como uma ameaça ao ponto de causar a sua prisão, a experiência no partido contava, mas o meio intelectual ao qual a mesma vivia, também foi bastante expressivo, rodeada de nomes como Octavio Brandão, alagoano que viveu no Rio de Janeiro e difundiu os ideários Marxistas e fez a primeira tradução do “*Manifesto Comunista*”, assim como foi o primeiro editor do Jornal Comunista “*A Classe Operária*”, também do Jornal “*A Nação*” e um dos primeiros dirigentes do partido comunista.¹⁷

O Partido Comunista Brasileiro, apesar de viver a maior parte do tempo na clandestinidade, foi palco para a arte de inúmeros filiados, tendo uma produção política e cultural muito marcante, na área literária. Vários intelectuais começaram a filiar-se nos quadros do PCB, ou se tornaram simpatizantes; entre eles, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Oscar Niemeyer, Dorival Caymmi, Graciliano Ramos e Jorge Amado.

¹⁴ BEZERRA, Elvia. **A trinta do Curvelo**: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995, p.142.

¹⁵ Poeta, Professor e escritor. Não participou ativamente da semana da Semana de Arte Moderna em São Paulo, mas teve no seu poema “*Os sapos*”, um ponto auge do evento, poema esse que faz críticas aos poetas parnasianos,

¹⁶ Nasceu em Viçosa (AL), em 1896. Em 1919, após passar dois meses na prisão, conseguiu fugir e se transferiu para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como farmacêutico e continuou sua militância anarquista. Logo, porém, entraria em contato com o marxismo, através de Astrojildo Pereira. Filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro, então Partido Comunista do Brasil (PCB), ainda em 1922, poucos meses após a sua fundação. Durante a década de 20, assumiu destacada posição no partido, sendo eleito para sua comissão executiva já em 1923. Dois anos depois, foi um dos fundadores do órgão oficial do partido, A Classe Operária, tornando-se um de seus principais redatores. Em 1930, foi preso logo após o início do movimento político-militar que pôs fim a República Velha e levou Getúlio Vargas ao poder. Em 1931, passou a viver na União Soviética. De lá, criticou a deflagração dos levantes militares de novembro de 1935, sob o comando de Luís Carlos Prestes, já então membro do PCB. Durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou na Rádio de Moscou, produzindo programas em língua portuguesa. Em 1946, voltou ao Brasil. No ano seguinte elegeu-se vereador no Rio de Janeiro pelo PCB. Em 1948, porém, foi cassado juntamente com todos os parlamentares do PCB, após o cancelamento do registro do partido pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em maio do ano anterior. Em seguida, passou a viver na clandestinidade, assim permanecendo até 1958. Voltou mais uma vez à clandestinidade em 1964, com a implantação do regime militar, só vindo a reaparecer publicamente em 1979. Morreu no Rio de Janeiro, em 1980. ABREU, Alzira Alves de(org.). **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

¹⁷ ABREU, Alzira Alves de(org.). **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001, p. 200

Influenciando diversas revistas e jornais, como: Revista do povo, Momento Feminino, Terra Livre e Emancipação.

Esse era o cenário político, histórico e social que estava a “Médica Rebelde”. O ambiente inspirava a política. Um período de tensões, apaixonada por leitura, chegou a dizer que aprendeu mais com os livros de Machado de Assis sobre seus “clientes”, do que com a vasta bibliografia acadêmica do curso¹⁸. Chamo a atenção para o termo “Cliente”, pois para a médica seus pacientes eram seus clientes.

Os estudos que abordam a questão familiar e da mulher, no século XIX, sempre trazem padrões normativos, tentando enquadrar a mulher no perfil que atenda o patriarcado, e essas análises seguiram até o século XX, com discursos de classes dominantes, que tentavam a todo tempo estabelecer os comportamentos, com redefinições em torno da mulher, que tinha sua base sustentada em setores da burguesia industrial, e principalmente na fala de médicos e sanitarista que dava toda uma cientificidade a esse discurso. A sociedade regida por práticas e valores tradicionalistas. Em *“Homens e Mulheres na década de 30: tensões sociais e vida cotidiana”*, Maria de Fátima Silva Moreira, menciona a situação da mulher dentro do casamento nesse recorte histórico do presente trabalho:

Os pronunciamentos em torno destas questões que a imprensa ferroviária paulista apresenta na década de 30, apontam para a existência de tensões e reordenamentos nas relações entre homens e mulheres, dentro e fora do casamento, sugerindo a existência de conflitos tanto no âmbito mais particular da vida conjugal, quanto no âmbito de outros espaços mais visíveis de atuação desses sujeitos, numa situação em que se evidencia a preocupação com aquilo que é entendido como o “perigo feminino”. As inúmeras manifestações sobre tais questões, apresentaram-se, nesta imprensa, sob a forma de poesias, crônicas, piadas, caricaturas, provérbios, etc.¹⁹

É difícil não pensar em uma mulher jovem, desse período, e não ligar a uma senhora dona de casa, entrelaçada nos pressupostos de uma moral cristã, uma vida do lar, que a realização completa estava na maternidade, contrapondo a tudo isso está a Doutora Nise. Nas reportagens a mesma era vista rodeada de livros e gatos, suas duas paixões. Os seus livros levaram-na à segunda prisão em março de 1936, após o Levante Comunista de 1935, uma enfermeira a denunciou, acusando-a de ter livros Marxistas. Assim, era Nise, porém, ela tinha mais um item, gatos. Foram eles peças fundamentais no tratamento dos seus “clientes”.²⁰

¹⁸ AUGUSTO, Sérgio. Cartas de uma Subversiva. **A Folha de São Paulo**. São Paulo, 5 de novembro de 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/11/05/mais/32.html>. Acesso em: 04/10/2019.

¹⁹ MOREIRA, Fatima. Homens e mulheres na década de 30: Tensões sociais a vida cotidiana. In: **Revista de Ciências sociais e anais**. São Paulo, Vol. 15. nº 21, pp. 23-35, 1999.

²⁰ SILVA, José Otávio Motta Pompeu e (Org). **Nise da Silveira. Memórias do saber**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p.65

Em 1936, início da ditadura Vargas, uma enfermeira do hospital, percebendo na minha mesa, em meio a livros de psiquiatria, literatura, arte, livros sobre marxismo, que eu também estudava, denunciou-me à diretoria. Na mesma noite fui presa (...) Perdi o emprego e fiquei afastada do serviço público, obtido por concurso, durante oito anos, sob a alegação de pertencer a um círculo de ideias incompatíveis com a democracia. Eu tinha contato com o partido comunista, mas não era uma militante política ativa.²¹

Mário Magalhães, esposo e também médico de profissão²², teve papel importante no desenrolar da figura política da Nise. O companheirismo de ambos foi fundamental para ela se firmar como uma personalidade pública. Isso porque, apesar da estrutura social que era vivenciado na época, ele era companheiro em suas ideias. Ela tinha uma autonomia, que foi conquistada por ela, a qual foi fundamental em suas relações pessoais e profissionais.

Imagem 5: Nise e Mário Magalhães da Silveira, seu marido.



Fonte: Mário Magalhães da Silveira/arquivo Nise da Silveira. Pesquisado no site: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/nise/>. Acesso em: 05/11/2019.

Saiu da prisão 1937, Nise e seu esposo ficaram ausentes do convívio social, homiziados e reclusos juntamente a uma família de amigos na Bahia, devido às razões políticas, a mesma só retornou ao trabalho em 1944, quanto vai atender no Centro Psiquiátrico Nacional Dom Pedro II, no Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro, onde se

²¹ MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira: caminhos de uma psiquiatra rebelde**. Rio de Janeiro: Automática, 2014, p.64

²² MELLO, op. cit., p.59 .

deparou com a precariedade da saúde pública dos seus clientes, além da desumanização de médicos e profissionais de saúde diversos e o preconceito de ver nela uma pessoa frágil, que poderia estar ligada também à sua estatura baixa.

1.2. Nise, Médica

Sua grande trajetória como precursora do tratamento psiquiátrico inicia no Engenho de Dentro, com métodos inovadores, hoje conhecidos internacionalmente, nos quais utiliza-se a arte para o tratamento dos seus clientes. Nise, foi parar na sala de Terapia Ocupacional, por recusar fazer o tratamento com choques elétricos. (SILVA, 2013)

A sala de Terapia Ocupacional²³ estava abandonada, sendo de utilidade de depósito, e a idéia que o Hospital psiquiátrico tinha de terapia, era errônea, acreditando que seria o local de colocar “pacientes” para fazer trabalhos forçados, que o hospital estava realmente precisando, sem nenhuma dinâmica, didática, preparo e cientificidade. E esse ambiente singelo, que sai uma grande exposição de quadros, que é aprovada pela crítica, como arte autêntica, ganhando olhares da cultura brasileira e no exterior. Nise foi genial ao substituir as tarefas de limpeza e manutenção do ambiente, por pintura e modelagem, dando vez para o cliente conseguir se expressar de maneira satisfatória, e chegar na sua realidade possibilitou um diálogo, uma comunicação de maneira simbólica e criativa, revolucionando os métodos praticados até então no país. Em conjunto, com o ateliê, ela cria um grupo de estudo. A ala de terapia ocupacional foi oficialmente fundada em 1946, já o Museu da Imagem e do Inconsciente em 1952.²⁴

O Museu da Imagem e do Inconsciente, foi uma resposta da doutora aos resultados obtidos pela mesma no ateliê de Terapia Ocupacional, e ao mesmo tempo uma afirmação e protesto contra os tratamentos psiquiátricos no setor, como, eletrochoques, que correntes elétricas no cérebro do paciente, a lobotomia, que consistia em amputar as vias do tálamo no cérebro e outras vias associadas, deixando o paciente em estado vegetativo, dócil e com pouco raciocínio ou nenhum raciocínio, sendo considerado uma intervenção cirúrgica para pacientes agitados.²⁵

²³ É um campo do conhecimento, que reuni tecnologias para facilitar o indivíduo a adquirir ou readquirir autonomia física, decorrentes de problemas emocionais, sensoriais, psicológicos e até mesmo físico não estão desempenhando seu potencial, o profissional da área é um terapeuta ocupacional, com formação acadêmica, capacitado para exercer seu ofício em todas as faixas etárias e níveis de atuação.

²⁴ FRAYSE-PEREIRA, João A. Nise da Silveira: Imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. In: **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 17, nº 49, set./dez. de 2003.

²⁵ SILVA, José Otávio Motta Pompeu e (Org). **Nise da Silveira. Memórias do saber**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 25.

Havia outro mecanismo também muito utilizado na época em tratamentos, que era a injeção no sangue de grandes doses de insulina, causando dores intensas e paralisação de alguns músculos do paciente, chamado pela medicina e meios acadêmicos de insulino-terapia. Analisando assim, pensa-se na crueldade de tais métodos, mas no meio acadêmico eram comuns e de grande efeito, não visando a evolução do paciente, pensando apenas em tranquilizá-los em meio a uma crise. Os pacientes de doutora Nise no Hospital Engenho de Dentro eram esquizofrênicos²⁶ crônicos.²⁷

As peças do Ateliê começaram a ter uma grande repercussão, tanto na área educacional, como na área de saúde, tendo algumas exposições, a primeira exposição foi feita por 35 pacientes, com 20 adultos e 15 crianças, outras exposições, para além do hospital ia surgindo, como no Museu de arte Moderna em São Paulo.²⁸

Em 1952, após a criação do Museu da Imagem e do Inconsciente, houve um leque de discussões no campo da saúde mental e desenvolveu um diálogo com a sociedade, proporcionando um novo olhar, uma nova perspectiva e cuidado, tirando o preconceito que até então era algo tão enraizado, chocando, causando um impacto, fazendo a comunidade não só acadêmica, mas aos parentes dos “clientes”, enxergar seu familiar de maneira mais afetuosa, lhe dando identidade e vida. A História do Museu se confunde e se entrelaça com a História da própria Nise. O Museu surgiu do trabalho e de sua personalidade, da sua bagagem literária, e das experiências vivenciadas na Faculdade de Medicina na Bahia e na prisão no Rio de Janeiro. (SILVA, 2013)

A exposição do Museu foi em 1957, para o II Congresso Mundial de Psiquiatria, em Zurique, cuja exposição tinha como tema: “A arte e a esquizofrenia”, que ocupou 5 salas. Esse trabalho contou com a presença e o incentivo do renomado psiquiatra suíço, que fundou a psicologia analítica, Carl Gustav Jung, com que Nise já tinha contato, pois foi a pioneira no Brasil a divulgar a psicologia Junguiana, esse interesse vinha dos seus pacientes produzirem Mandalas, que era objeto de estudo de Jung no tratamento. O primeiro contato dos dois foi uma carta da doutora relatando o trabalho até então feito no hospital psiquiátrico. O próprio

²⁶ Pessoa que sofre de esquizofrenia, não tem cura, mas tem tratamento, requer um diagnóstico médico. Sendo um distúrbio que afeta homens e mulheres, dificultando a sua capacidade de pensar, sentir e se comportar com clareza. A sua causa exata não é clara. Porém, os especialistas acreditam ter inúmeros fatores, entre eles, a genética, ambiente e alterações químicas cerebrais. Suas principais características são pensamentos confusos, delírios, alucinações, desorganização, falta de sentimento, dificuldade de concentração e memória, podendo ocasionar alguns surtos psicóticos.

²⁷ SILVA, José Otávio Motta Pompeu e (Org). **Nise da Silveira. Memórias do saber**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 443.

²⁸ SILVA, José Otávio Motta Pompeu, op. cit., p. 445.

Jung respondia as suas cartas, usando o pronome de tratamento masculino, para se referir a Doutora, acreditando que se tratava de um homem. (SILVA,2013)

As obras dos internos tiveram tanto impacto não apenas pela simbologia que trazia, mas pelo seu histórico por trás das obras e pela precisão do, digno de profissionais, adquirindo assim, um grande valor artístico, algumas de suas obras do Museu foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN.²⁹

Nise, em alguns períodos, fez estudos no Instituto Carl Gustav Jung, retornando ao Brasil em 1955. Formou o grupo de estudo Carl Jung, ao qual coordenou até 1968, que ainda existe nos dias atuais. Também escreveu o livro *Jung: Vida e Obra*, tendo sua primeira publicação em 1968.³⁰

Fonte:AlmirMavignier.Disponívelem:<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/encontro-com-jung.php>. Acessado em: 15/11/2019.



O Jornal Apito abre a “Secção para moças”, em janeiro de 1932, na qual Alencar Eduardo, pseudônimo Aébe, responde às cartas das leitoras com um tom irônico, ridicularizando o seu intelecto e a sua liberdade, julgando-as como precipitadas, ousadas e vaidosas, usando termos como “tempos modernos”, “loucura do progresso”, fazendo assim uma severa crítica ao comportamento feminino.³¹ Tendo feito uma ligação da situação feminina com a situação de Nise, e a visão que os médicos tinham dela no ambiente de

²⁹ SILVA, José Otávio Motta Pompeu, op. cit., p. 445.

³⁰ SILVEIRA, Nise da. **Jung, vida e obra**, 12.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p. 9.

³¹ MOREIRA, Fatima. Homens e mulheres na década de 30: Tensões sociais a vida cotidiana. In: **Revista de Ciências sociais e anais**, São Paulo, vol. 15, nº 21, pp. 23-35, 1997.

trabalho, não dando o crédito necessário a ela, por ser mulher, de maneira lúdica, esse tema é trabalhado no Filme, *Nise, coração da loucura*, Onde os seus colegas tentaram sabotar o tratamento de terapia ocupacional feito por ela, acreditando ser um método inválido.

O diferencial que Nise tinha das outras pessoas, era o seu olhar. Ela construía uma narrativa humanística, a partir de um poder de percepção, e foi nesse contexto de degradação humana, que ela aprimorou esse olhar, e com a medicina deu novos subsídios para o cuidado dos seus clientes, de uma maneira simples, sem violência, sem mecanismos que pudesse de alguma forma comprometer a dignidade deles. Uma rebeldia que vinha dos livros, da literatura, do gosto pelo saber, da busca, que recaiu em trazer a arte e cultura para os ditos loucos.

O comportamento de Nise, fora dos padrões, do que era esperado para uma mulher e médica, a tirava do perfil de Doutora, e a deixava menos acadêmica. A psiquiatra conseguia caminhar no universo dos médicos, dos intelectuais e dos “loucos”. Mas quem foi a Doutora Nise?

2. “ESTOU CADA VEZ MENOS DOUTORA, CADA VEZ MAIS NISE”

Decifrar a doutora Nise é traçar um período da história que passa por momentos cruciais como a Ditadura Vargas, a Segunda Guerra mundial, na sua vida pessoal faz junção e

intersecção com os acontecimentos políticos, literários e científicos da História do Brasil. Nasceu em uma família de classe média, que lutava para combater as oligarquias tão presentes no território alagoano.

Como já mencionei no capítulo anterior, sua mãe era pianista, envolvida com a arte, um fato que tem bastante respaldo na formação intelectual de Nise. A mesma relata que sua mãe era isenta de qualquer tipo de preconceito³², e nas vezes que ia ao teatro, conhecia um artista, o encontrava na coxia e o convidava para se hospedar na sua casa, esse mundo livre, fez parte de Nise, que anos depois, a fez classificar a si própria como a psiquiátrica libertária. A liberdade sempre presente no convívio dos artistas.

Nise de sua mãe herdou o gosto pela arte e do pai pelos livros, o seu pai sempre em volta de livros de matemática e literatura. As primeiras leituras dela foram *A Cartomante*, de Machado de Assis e *Ética*, de Spinoza, escritores que encontram ressonâncias no profissional da alagoana. Seu pai preparava jovens para o vestibular nos cursos de Direito e Medicina e Nise, muito jovem, já participava desses grupos. Era um ambiente onde não existiam rótulos, em que distinguisse as pessoas por sexo, ou classes sociais, ou interesses econômicos, a Nise descreve que nessa época, era rodeada de estudantes, em que não se fazia preferências em razão de serem mulheres ou homens. Essa vivência educativa definiu muito os conceitos comportamentais para Nise. Aurélio Buarque de Holanda³³ foi aluno do seu pai, nessa época, e Arthur Ramos³⁴ também frequentava a casa de Nise, inclusive foi aluno da sua mãe de piano.³⁵

Esses acontecimentos cotidianos de fato vêm para montar o ambiente do cenário que estava a alagoana, e como foi desenvolvido sua personalidade forte e seu espírito inovador, desprendido do tradicionalismo e dos conceitos que colocava o ser humano em um padrão de vida, que separava as pessoas por castas, sexo, produtividade, status e intelectualidade. As escolhas dos pais na vida profissional e no estilo de vida abriu um caminho diferente para uma criança da capital alagoana, que na maior parte do seu tempo foi rodeada de livros e arte.

³²SILVA, José Otávio Motta Pompeu e (Org). **Nise da Silveira**: Memórias do saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 220.

³³ Autor do Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, e membro imortal da Academia Brasileira de Letras. Nasceu em Passo de Camaragibe, foi professor, ensaísta, crítico literário e tradutor. Formou-se em Direito, pela Universidade do Recife. Publicou contos e crônicas e lecionou na Universidade do México.

³⁴ Nasceu em Pilar, em 1903, foi médico Psiquiatra, Psicólogo social, Folclorista e antropólogo. Faleceu na França em 1948. Como antropólogo, teve destaque nos estudos sobre o negro, desenvolve o conceito de “democracia racial”. Mas o termo ficou conhecido no discurso de Gilberto Freire. No Rio de Janeiro fez um estudo sobre o comportamento das crianças, chegando a conclusão que a anormalidade de certas crianças tinha sua origem, não apenas no genético, mas no meio social. Foi defensor de uma sociedade justa e moderna. Tendo sido um dos grandes intelectuais da sua época.

³⁵SILVA, José Otávio Motta Pompeu, op. cit., p.45.

O curso de medicina veio para Nise como uma segunda opção, na verdade ela queria ter ido para um conservatório de música no Rio, mas não tinha aptidão. Essa questão aparece até com um pouco de frustração, então, ela tinha duas sugestões de curso: Medicina ou Direito. Escolhendo o curso de Medicina, poucas vezes teve a presença de mulheres na sala. Recorda que uma colega de turma passou um tempo e pediu transferência para o Rio, assim foi a única da turma³⁶. A ausência de mulheres no curso a fez observar a significância de ser percebido na sua individualidade, e particularidade. Eram inexistentes banheiros femininos no curso de Medicina da Bahia, isso era mais um elemento que ditava a personalidade da Nise, criando novas perspectivas e novas maneiras de lidar com os desafios. Durante o curso de Medicina, a mesma não usou o banheiro da faculdade, a salvação que sua residência era perto do curso, recorda que a primeira vez que viu o banheiro no curso de medicina foi na faculdade do Rio, e achou aquilo paradisíaco. (SILVA, 2013)

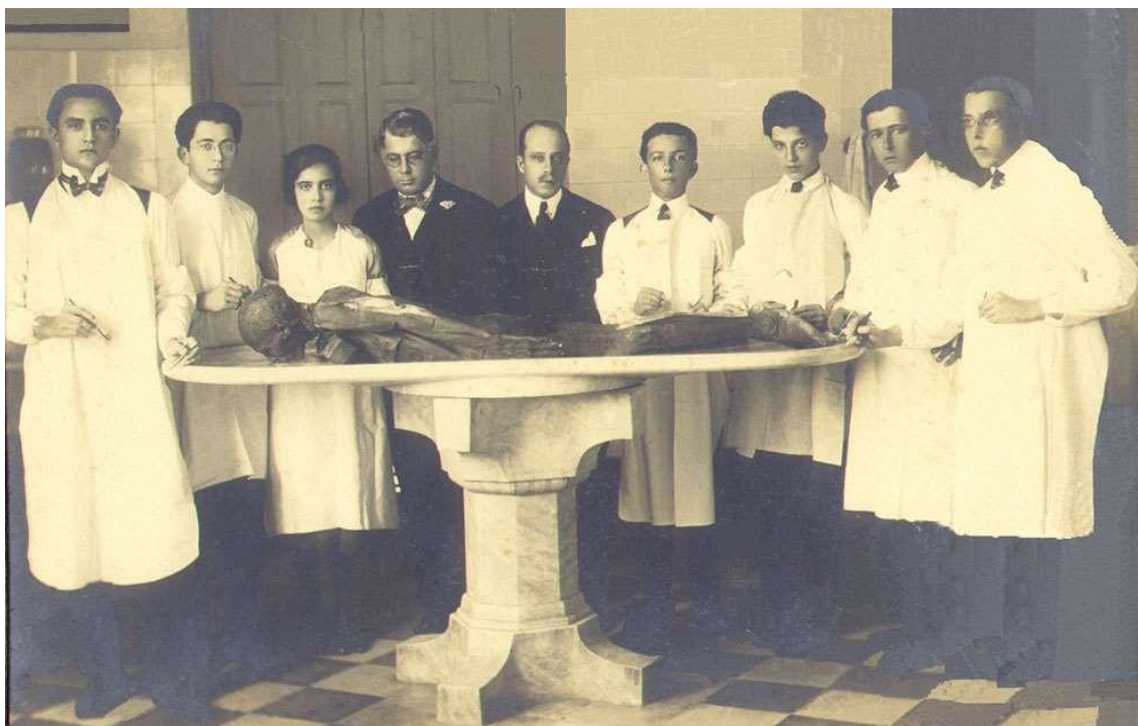
Imagem 7: Turma de formandos de 1926 da Universidade de Medicina da Bahia.



Fonte: autor desconhecido/arquivo Nise da Silveira. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/nise/>. Acesso em: 06/11/2019.

Imagem 8: Nise entre professores e alunos durante uma aula de anatomia na Faculdade de Medicina da Bahia. À direita de Nise está Arthur Ramos, futuro antropólogo.

³⁶ SILVA, José Otávio Motta Pompeu. op. cit., p. 56.



Fonte: autor desconhecido/acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil. disponível no site: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/nise/>. Acesso em: 06/11/2019.

Durante o curso, pensou em abandonar, escrevendo até uma carta para seu pai, mas não chegou no destino, voltou para ela, então decidiu continuar com a jornada de estudante de medicina, era uma boa aluna no quesito notas. O cenário de estudo, desenvolveu uma Nise introspectiva, não fez amigos durante sua estadia em Salvador, chegando a não participar dos festejos oficiais da sua formatura. Seu mundo seria os livros e observar o que se passava em sua volta.³⁷

2.1. Nise, entre a psiquiatria e a terapia ocupacional

Nise, após da prisão, em 1944 retorna para seu posto no Hospital Psiquiátrico Engenho de Dentro, causou uma revolução não só para estrutura de cuidados hospitalares bem como para visão que as pessoas possuíam de lá, tamanha a mudança dos pacientes, que se tornam artistas plásticos, onde é criado O Museu de Imagem e do Inconsciente, em 1952. Críticos da arte passaram anos estudando técnicas de aprimoramento da arte, para dentro de um Hospital acontecer uma nova transformação cultural, estando ali não só cultura, arte, mas um ato político, que vinha quebrar com os diálogos reacionários que a classe médica tinha com os

³⁷ SILVA, José Otávio Motta Pompeu. op. cit., p. 58.

pacientes. O ato revolucionário veio para Nise, não foi no momento que ela filiou no Partido Comunista, não veio com as reuniões com os comunistas, veio através da arte. Isso nos traz o poder da cultura.

O ano de 1944 foi importante, ela vinha de uma prisão da ditadura Vargas e de oito anos de reclusão, o retorno às atividades médicas, não tinha a mesma dureza de antes, a medicina parecia algo mais leve, com um teor psicológico. Mas vale ressaltar, que antes da prisão e da reclusão, a médica já tinha aptidão para métodos não violentos. Trago o seu contato com professor de Neurologia Antônio Austregésilo, onde a pedido dele, ela escreve um artigo, ainda no período que era estagiária voluntária na Clínica de Neurologia dele, com o título Estado Mental da Afásica, voltado para a linguagem intelectual e a linguagem emocional. Então, vemos nesse episódio um indício de uma psiquiatra com interesses nos estudos psicológicos.³⁸

Antônio Austregésilo publicou um texto em co-autoria com Nise da Silveira na revista Cultura Médica. Intitulado “Conceito Clínico da Série Wilsoniana”, o artigo aborda os casos que fogem das típicas descrições da síndrome de Wilson para patologias do sistema extrapiramidal, que dizem respeito, basicamente, aos movimentos involuntários e automáticos³⁹

A retomada das atividades médicas coincidiu com o período em que a psiquiatria estava mais voltada para a biologia. A lobotomia rendeu o Prêmio Nobel ao médico Ergas Moniz, então eram tais procedimentos comuns e louváveis. O eletrochoque era utilizado para pacientes esquizofrênicos e epiléticos. A rebeldia de Nise iniciou na hora de submeter os seus pacientes ao eletrochoque, recusou-se. Trago aqui, segundo o seu relato, como surgiu o imaginário da médica rebelde:

Durante esses anos todos que passei afastada, entrou em voga na psiquiatria uma série de tratamentos e medicamentos novos que antes não se usavam. Aquele miserável daquele português, ERgas Muniz, que ganhou o prêmio Nobel, tinha inventado a lobotomia. Outras novidades eram o eletrochoque, o choque de insulina e o de cariazol. Fui trabalhar numa enfermaria com um médico inteligente, mas que estava adaptado àquelas inovações. Então me disse:

– A senhora vai aprender as novas técnicas de tratamento. Vamos começar pelo eletrochoque.

Paramos diante da cama de um doente que estava ali para tomar eletrochoque. O psiquiatra apertou o botão e o homem entrou em convulsão. Ele então mandou levar aquele paciente para a enfermaria e pediu que trouxessem outro. Quando o novo paciente ficou pronto para a aplicação do choque, o médico me disse: – Aperte o botão.

E eu respondi: – Não aperto. Aí começou a

rebeldia.⁴⁰

³⁸ MELO, Walter. Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. In: **Mnemosine** Vol.5, nº2, pp. 30-52, 2009.

³⁹ MELO, Walter. op. cit., p. 32.

⁴⁰ MATTAR, Maria Eduarda. Nise da Silveira: Rebelde por causa. **La Insignia**, Ciência y Tecnologia, 20 de março de 2005. Disponível em: < https://www.lainsignia.org/2005/marzo/cyt_008.htm >. Acesso em: 11.05.2019

Era tamanha repudia de Nise por esses métodos, ao qual chamava os pacientes que foram submetidos a tal tratamentos de vítimas, e que a psiquiatria teve uma revelação às avessas, por considerar aqueles procedimentos corretos, especialmente o eletrochoque do italiano Ugo Cerletti. Ela era apenas uma médica, que tinha sido anteriormente presa, como já foi dito aqui, contra todo um sistema de médicos que achava tal violência eficaz, acreditando que seria a cura para doenças psíquicas. A terapia Ocupacional surgiu no caminho, como uma estratégia de fugir das práticas desses tratamentos. Recusando-se ao uso da lobotomia, ficava sem poder clinicar. Havia também o preconceito existente entre a terapia ocupacional, que não era vista com bons olhos pela comunidade médica, assim, surgindo o medo de estar colocando sua carreira em risco. Outro depoimento de Nise, descrevendo o eletrochoque em seus pacientes, por Antonin Artaud:

O eletrochoque me desespera, apaga minha memória, entorpece meu pensamento e meu coração, faz de mim um ausente que se sabe ausente e se vê durante semanas em busca de seu ser, como um morto ao lado de um vivo que não é mais ele, que exige sua volta e no qual ele não pode mais entrar. Na última série eu fiquei durante os meses de agosto e setembro na impossibilidade absoluta de trabalhar, de pensar, e de me sentir ser... (ARTAUD apud SILVEIRA, 1989: 19; ARTAUD apud SILVEIRA, 1992:12)

Outro procedimento também usado era a insulina chamada de insulinoaterapia, que foi na verdade o que a levou à terapia ocupacional. Esse procedimento consiste em injetar doses de insulina no paciente, causando a hipoglicemia, levando o paciente a um estado de coma proposital. A médica alagoana utilizou esse método apenas uma vez, e por azar, o paciente não voltou do coma no tempo que seria determinado, ficando no coma protraído, que segundo Iracy Doyle⁴¹, é o estado mais complicado de um procedimento médico desse tipo. Na biografia de Gullar sobre Nise, ele descreve esse episódio, retratando que foi um desespero para ela, a mesma ficou do lado do leito do paciente até a sua volta do coma, e foi com esse fato, que ela falou com o diretor do Hospital, Paulo Elejalde, sobre a incapacidade dela de clinicar daquela forma, ao qual sugeriu a coordenação do Centro Terapia Ocupacional.⁴²

Inúmeros embates eram traçados por Nise da Silveira. O prêmio Nobel de Egar Moniz teve um impacto na psiquiatria, e provocando a necessidade da psicocirurgia, não só diminuía os impulsos grosseiros, mas deixava o paciente totalmente sem capacidade para sentir tristeza,

⁴¹MELO, Walter. Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. In: **Mnemosine** Vol.5, nº2, pp. 30-52, 2009, p.32.

⁴²MELO, op. cit., p. 35.

alegria, raiva, dor, etc. Na verdade, acabava causando uma doença de caráter irreversível. Nise, foi totalmente contra essa técnica:

Nise da Silveira se recusava a utilizar tais procedimentos por se assemelharem às torturas físicas, que não sofreu, mas que viu de perto na prisão, principalmente em relação a Elisa Berger, que dormia na cama ao lado da sua na cela feminina, a chamada Sala 4. Nise da Silveira se recusou terminantemente a fazer uso do eletrochoque e, quando o médico-chefe a indicou para utilizar tal procedimento, disse que não apertaria o botão que acionaria a descarga elétrica e provocaria a convulsão (GULLAR, 1996; MELO, 2005).

A ideia do ateliê, a confecção das pinturas dava um espaço colorido, com vida, além de recriar ali a capacidade dos doentes, porque eles eram sujeitos que estavam marginalizados em todos os sentidos, principalmente na produção, como se eles não tivessem nada para oferecer, excluídos do ambiente familiar, do direito de produção, qualquer que seja, e principalmente de envolvimento e afetividade. O comportamento da médica era de tratar eles como humanos, capazes de se recriar, sujeitos ativos.

2.2.A arte e a “loucura”

A imagem que a psiquiatria tinha dos pacientes entrou em choque, com o discurso humano de Nise, lados opostos, um desejava o bem estar do cliente, acima de tudo, aquele acreditava que a medicina tinha o seu papel de cura, e não importava os métodos que fossem usados para poder alcançar esse objetivo, era o principal ideal. Esse era um dos seus dilemas com os seus colegas de trabalho.

A psiquiatria encontrava-se em um momento de descobertas revolucionárias que contrastavam com as políticas sociais quase inexistentes, na década de 1940, a grande marca de propaganda do governo era o trabalhador, o qual era visto como um cidadão que fosse ajudar no desenvolvimento não só pessoal, mas em prol da nação. O trabalhador era o salvador da pátria, sujeito capaz de tirar o Brasil da miséria. Havia um aparato cultural que fortificava cada vez mais esse universo por meios pedagógicos. A radiodifusão foi muito usada para difundir essas ideias. Trago essa informação, para entender a importância que se dava ao trabalho, e como os pacientes eram diagnosticados incapazes para execução do trabalho, não eram bem vistos pelo Estado, e nem pela sociedade como um todo, pois eles não geram lucros e nem produção.

A figura da doutora, tem um enorme valor simbólico, em torno de uma ação política, que incluem e causa impacto, trazendo para os olhos da humanidade um criador que era despido desse papel, perante um espectador que não o admite. O marginal vem com uma estética cultural, e obras, cujo valor é artístico. Relação essa que passa por um conflito social

de classe, onde é necessário ter uma classe subordinada e uma submissa, para se firmar como civilização. Outro ponto para ser questionado é o preconceito cultural, fato bem visível no começo do trabalho de Nise na Terapia Ocupacional.

É inquestionável o poder da criação, de uma arte “psiquiátrica”, sem nenhuma teoria acadêmica, que resultava em um produto único e cheio de valor, era colocado o diagnóstico dos artistas do Museu do Inconsciente em segundo plano não focando nas suas avaliações médicas, pois o que interessa para ela, era a comunicação que o cliente fazia dele com o mundo externo, e Nise tentava fazer a leitura dessa conexão.

Imagem 9: Museu de Imagens do Inconsciente.



Fonte: Autor desconhecido. Museu da Dra Nise da Silveira.
Disponível em: <https://www.minube.com.br>. Acesso: 13/11/2019

Nise abrigou no mundo artístico esses personagens, que até então eram invisíveis e os deu existência, numa proposta de entendimento entre criador e obra, loucura e arte, ao qual além de cura, era também realização. Esse confronto é contínuo, e ainda hoje impactante nas obras dos clientes de Engenho de Dentro. Causam em alguns silêncios, pela ousadia e criatividade, onde cada pessoa pode fazer a sua releitura. Nise traz à tona a arte do oprimido e deixa bem claro, que apesar dos inúmeros meios de controle, os clientes tinham uma comunicação, vários meios de se comunicar.

O olhar da doutora, é o que mais surpreende em toda sua biografia. Detalhista, conseguiu interligar o mundo psíquico do cliente ao mundo real da sociedade e contrapor,

trazendo para os seus trabalhos a consciência, não dos clientes, mas da sociedade em volta. E foi nesse contexto que surgiu o Museu de Imagens do Inconsciente:

Costuma-se dizer que o Museu de Imagens do Inconsciente se constitui deste o princípio como um núcleo de pesquisa da esquizofrenia-núcleo liderado por uma criadora que, em última análise, utilizou a expressão plástica como um meio de acesso a interioridade dos esquizofrênicos e levou ao conhecimento do grande público as obras de seus pacientes. Essa Caracterização é realista. No entanto, é bastante acanhada se quisermos entender a complexidade simbólica do campo que esse museu inaugura, a complexidade que surge se tomadas em consideração as milhares de imagens que aí foram elaboradas.⁴³

O Museu de Imagem e do Inconsciente é uma resposta à sociedade, faz uma releitura do mundo psíquico do cliente, e compõe um espaço que leva a reflexão e também de imaginação para entender a realidade do campo em que os envolvidos estão inseridos. É a arte dando sentido à vida, e a vida dando sentido à arte, parece redundante, lembra Nietzsche,⁴⁴ “...A arte existe para que a realidade não nos destrua”.⁴⁵

É preciso lembrar que a perspectiva teórica fundante da proposta do Museu de Imagens do Inconsciente vem da Psicologia Analítica de Jung. Mas não só. Ela também tem raízes em obras de outros autores, filósofos e artistas, em especial na poética de Artaud, o qual Nise da Silveira considerou “um mestre”.⁴⁶

Nise utilizou meios não acadêmicos para decifrar a mente humana, adentrando na psique dos pacientes, compreendendo o discurso que havia nas entrelinhas de cada obra de arte produzida por eles. Se munuiu de literatura, poesia, arte e cultura, criando um aparato existente para além da medicina, com uma causa humanística. Conclui, sua frase nessa análise, “Tenho sido menos Doutora, e mais Nise”. Os meios que ela utilizava eram contrários aos comumente aceitos e massivos. Porém, ela encontrou em Carl Jung seu grande mestre, que foi fundamental para a elaboração de tais teorias. A medicina com a arte, reproduzindo algo novo, que é curativo. Mas não uma cura definitiva, e sim, algo que dava uma qualidade de vida melhor para os clientes.

Ora, é porque o artista é instrumento da arte que a psicologia do artista é um tema coletivo. Ela diz respeito aquilo que o homem é enquanto artista: “homem coletivo, portador e plasmador da alma inconsciente e ativa da humanidade”. Para a doutora

⁴³ SILVA, José Otávio Motta Pompeu e (Org). **Nise da Silveira**: Memórias do saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 407.

⁴⁴ Friedrich Wilhelm Nietzsche, Filósofo, crítico cultural, poeta e compositor prussiano do século XIX, nascido na Alemanha. Foi crítico da religião, a moral, a cultura contemporânea, filosofia e ciência, exibindo uma predileção por metáfora, ironia e aforismo. Um estudioso da crítica textual grega e romana. o nome de Friedrich tornou-se associado com o militarismo alemão e o nazismo, mas estudiosos posteriores do século XX vêm tentando neutralizar esse equívoco de suas ideias.

⁴⁵ NIETZSCHE, Friedrich W. **Assim falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

⁴⁶ SILVA, José Otávio Motta Pompeu e (Org). **Nise da Silveira**: Memórias do saber. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 409.

Nise, é essa a tarefa do artista, tarefa que muitas vezes lhe solicita “o sacrifício de sua vida, de sua felicidade”.⁴⁷

A cultura como instrumento de proporcionar uma maior expectativa de vida. A alagoana Nise, auxiliou na exposição do inconsciente, auxiliando na transformação de pacientes em artistas, sujeitos ativos, mentores e protagonistas, nessa percepção dialética que se faz entre arte, política e cultura. A política nesse contexto está no discurso do ato em si, em sua produção, corroborando para que tudo fosse um ato político, desde o despertar da Nise para a essa realidade, o olhar dos pacientes para explicar o mundo, e o ápice é a criação do Museu da Imagem e do Inconsciente. Trago a Fala de Mario Pedrosa, um dos críticos de arte da época.

Daí nasceu com eles a ideia de Museu. Mas que Museu? Uma coleção de belos quadros pendurados a parede, com salas contíguas para serem apreciados? Não. Os criadores da arte, os seus produtos, não podem ser dispersos. O museu tem que ser também uma casa que os abrigue. Mas que não seja uma dessas “colônias” de doidos por aí(...), O Museu que a doutora Nise batizou, com sua habitual precisão, Museu da Imagem do Inconsciente, tem por isso mesmo de contemplar-se numa comunidade (...) da qual não se podem afastar de lá os dentes.⁴⁸

Na primeira exposição em 1947, Mario Pedrosa, escreve no Correio da Manhã:

Uma das funções mais poderosas da arte- descoberta da psicologia moderna- é a revelação do inconsciente, e este é tão misterioso no normal como no chamado anormal. As imagens do inconsciente são apenas uma linguagem simbólica que o psiquiatra tem por dever decifrar. Mas ninguém impede que essas imagens e sinais sejam, além de mais, harmoniosas, sedutoras, dramáticas, vivas ou belas, enfim constituindo em si obras de arte.⁴⁹

Essa fala expressa o do trabalho da Nise, uma questão pedagógica de inclusão social, e um espaço onde a arte é exclusiva e permanente, é sem dúvida, um processo de identificação, onde há uma ressignificação dos elementos, que só foram possíveis serem realizados, devido à biografia dela, seu percurso que oscilou entre prisões, indiferenças no curso de Medicina, e sobretudo a leitura das obras literárias, esse último ponto foi fundamental para chegar nesse mérito. Essas interferências sociais que em vários momentos a levaram a ter contato com o comunismo da época, seus membros e simpatizantes. Não atribuo total influência do pensamento crítico da psiquiatria à sua relação com os comunistas, mas reconheço tal importância para a carreira pessoal e profissional da Nise.

⁴⁷ SILVA, José Otávio Motta Pompeu. op. cit., p. 411.

⁴⁸ PEDROSA, Mario, 1980, p. 10 apud. SILVA, José Otávio Motta Pompeu. op. cit., p. 412.

⁴⁹ SILVA, José Otávio Motta Pompeu. op. cit., p. 423.

Porém no coração da loucura ela buscou algo além da beleza. A beleza foi um meio eloquente de dizer: Vejam o que a psiquiatria asilar pode fazer com quem faz aquilo que tanto admiramos. A beleza nas imagens do inconsciente é denúncia. Denúncia do asilo, do exercício burocrático das profissões psiquiátricas e da sociedade, que cultua tais deformidades.⁵⁰

O trabalho de Nise tornou-se denúncia. As questões políticas e sociais perpassavam no universo da arte, alertando para questionamentos maiores envolvidos nesse cenário. O quesito social no estudo de novas possibilidades para se pensar uma nova psiquiatria, como uma inclusão social, uma luta de classe, pelo viés Marxista, e também a ideologia humanista. Retira o teor da medicina psiquiátrica, como uma ciência apenas biológica, fisiológica. Essa postura médica foi uma personalidade construída.

Nessa noite e em muitas conversas posteriores, ouvi da Doutora a importância de Laura e Octavio em sua formação, quando se iniciara em leituras de filósofos de diferentes correntes, conhecera a dialética por ela se encantado, e mergulhara na voragem da poesia e das artes plásticas- estimulada por Laura, sensível poetisa, que lhe apontava beleza das mãos cheias de cicatrizes e calos de marmorista de Guilhermino de Oliveira, na casa dos amigos- Organizando o BOC (Bloco Operário Camponês) e a campanha para as eleições do Intendente (Vereador) do Distrito Federal em 1926.⁵¹

O comunista Otavio Brandão e sua esposa Laura Brandão, tiveram uma proximidade estreita com Nise. Possuir uma amizade com um dos maiores comunista do Brasil, deve ter causado interesses por um mundo em comum, onde todos pudessem compartilhar de maneira igualitária essa perspectiva, e sua prisão é dada por ser subversiva. Sobre a sua prisão:

Sofreu duas prisões: em 20/02/1930 (posta imediatamente em liberdade) e 26/03/1936. Permaneceu na prisão até 21/06/1937, respondendo o Processo 191, incursos nos artigos 14 e 23 da lei nº 38, sendo absolvida pelo Tribunal de Segurança Nacional em 31/9/1938. Essa sentença foi confirmada na Apelação nº 15, de 16/3/1938.⁵²

Confirmando a assertiva de Octavio Brandão sobre o sistema policialesco dos governos brasileiros em todos os tempos, o Dossiê Nise da Silveira não se restringe à Ditadura Vargas, registrando suas ações públicas, vistas sempre como subversivas, até 1976, quando entrega em su ficha criminal informações sobre intelectuais com quem mantém dialogo intelectual e organização de eventos culturais, como José Rubens Fonseca, Leandro Konder e Roberto Burle Marx, todos criminalizados como comunistas. Em 5/3/1979, a Delegacia de segurança social, especializada em “repressão ao comunismo”, através de seu “Serviço reservado e seus investigadores especializados”, faz a utilização do prontuário nº 13.990.⁵³

⁵⁰ SILVA, José Otávio Motta Pompeu. op. cit., p. 418. ⁵¹ SILVA, José Otávio Motta Pompeu. op. cit., p. 421. ⁵² SILVA, José Otávio Motta Pompeu. op. cit., p. 455. ⁵³ SILVA, José Otávio Motta Pompeu. op. cit., p. 456.

O universo intelectual da Nise, além dos livros, era rodeado de comunistas que sabiam o seu papel na sociedade e queria exercer eles com, em prol de um bem maior, que ocasiona em meios de produção que atendessem a todos. Igual a ela, outros utilizaram a sua profissão ou ofuscaram a mesma para atender esse chamado maior, como uma vocação para os marginais, os periféricos.

Como era a relação da Nise com os intelectuais comunistas?

3- A DOUTORA, POLÍTICA E A LITERATURA

Em um momento de grande insatisfação popular e cercada de simpatizantes do Partido Comunista e intelectuais, figuras tão próximas da alagoana, Arthur Ramos, colega seu desde Maceió quando era aluno do seu pai, Faustino da Silveira, Octavio Brandão e a esposa, em que inúmeras vezes Nise confidenciou ter ficado com as crianças, para o casal ir panfletar nas portas de fábricas no Rio de Janeiro, seu vizinho, o poeta Manuel Bandeira, seu conterrâneo Graciliano Ramos, com quem dividiu o cárcere. Para se melhor entender essas figuras do meio intelectual e artístico nesse período, requer-se uma análise da sociedade na época, assim compreenderá qual foi a causa da luta, e quais os empecilhos, e como Nise dialogou com esse turbilhão de ideias.

O ato revolucionário e político de Nise foi criar condições para inserir ospacientes no mercado de trabalho, como figuras que compõem a sociedade, o contraposto de antes marginalizados, propondo a eles novas perspectivas sociais, em um período brasileiro onde reinava o conservadorismo e o tradicionalismos, em falas do próprio governo.

Destacamos o cenário da política brasileira com ênfase no partido comunista e a sua atuação no estado alagoano, porque é a partir desse contexto que emergem e convivem de Nise com os seus amigos intelectuais conterrâneos, exemplo Graciliano Ramos e Octavio Brandão.

Depois da Primeira Guerra Mundial, a indústria nordestina teve grande destaque com os seus maquinários e suas fábricas têxteis. A revolução de 1930 teve grande importância em alguns aspectos da concepção de uma “nova sociedade”, envolta de um ideário nacionalista e uma linha mais progressista, dando indícios de um surto industrial.

O governo de Getúlio Vargas, implantou o Ministério do Trabalho e o estado alagoano, também estava embebido nesses acontecimentos políticos. Em 1932 foi fundada a Federação dos Trabalhadores de Alagoas, com orientações do Estado e tendo base no Ministério do Trabalho. É de suma importância a fundação dessa Federação, porque era uma organização em que os trabalhadores se manifestavam como classe, formulavam suas insatisfações e confrontavam os seus patrões, em busca de melhores condições. Vemos nesse contexto, um início de um imaginário de luta de classe.⁵⁴

A insatisfação dos operários fomentavam de certa forma um clima para a criação de uma esquerda alagoana na classe trabalhadora. Na década de 30, os empresários não

⁵⁴ Termo utilizado por Karl Marx, no Manifesto Comunista, que se referia a classe dos dominantes e a dos dominados, em que os dominantes, são os proprietários dos meios de produção, e os dominados vendem a sua força para os meios de produção. Isso em um sistema capitalista.

receberam com bons olhos os direitos trabalhistas, por outro lado existia a importação do maquinário novo, que era algo louvável para eles. Foi um período bastante agitado, em que todos usavam as armas que tinham, pensando no benefício da sua classe. Um dos métodos utilizados pelos empresários foi o corte de salário, para contrapor o impedimento deles de aumentar a carga horária. Eles alegavam, que o corte de salário estava dentro da lei, que os operários não estavam produzindo da mesma forma. Esse corte ocorreu no Brasil todo nos anos 30. Em Alagoas, essas lutas andavam lado a lado com a indústria do tecido.

As fábricas iam além do local de trabalho, sendo proprietárias das casas dos trabalhadores, oferecendo a eles apoio médico, responsáveis também pelo lazer, os rituais religiosos e a cultura do local. A fábrica era a figura do poder sendo diretamente ligada a todos os aspectos do seu empregado. As famosas vilas operárias, na verdade consistia em um paternalismo industrial, em um sistema complexo socioeconômico. Essa relação de patrão e empregado nas vilas operárias, que ficava totalmente ligada a produção da fábrica, da seguinte maneira, havia uma dominação do patrão, em que o empregado poderia responder no seu modo de produção de acordo com as suas relações no dia a dia da vila, deixando laços mais próximos, e isso não era bom para o empregador, por outro lado, esse sistema de vila, gerava lucro aos donos da fábrica, no momento em que o salário ficava todo na vila, no armazém da vila, na farmácia.⁵⁵

O ideal era a eficácia de um sindicato que pudesse promover e reivindicar o bem-estar dos seus trabalhadores, porém, alguns estavam a serviço dos seus padrões, a própria fábrica indicava o presidente do seu sindicato. Exemplo disso é a fábrica saúde que tinha um delegado como presidente do sindicato, fato esse lembrando por Rubens Ângelo,⁵⁶ advogado sindical da época, em entrevista cedida em 10 e 11 de agosto de 2010 a Airtom de Souza Melo.⁵⁷

O Partido Comunista entra nesse cenário, como uma saída, que pudesse aliviar, amenizar ou cessar por vez as injustiças no trabalho. Apesar de uma enorme propaganda anticomunista, desenvolvida pela Igreja Católica no estado e pelas autoridades, é possível identificar que um número expressivo de operários desejaram estabelecer diálogo com os

⁵⁵ SALDANHA, Alberto. **A indústria Têxtil, a classe operaria e o PCB em Alagoas**. Maceió: Edufal, 2011, p.112

⁵⁶ Participou ativamente desse período histórico, sendo Advogado de 18 sindicatos entre 1955 e 1964, participou do PCB e foi editor da Voz do povo, chegou a ser preso no golpe civil e militar de 1964, após foi desembargador da Justiça do Trabalho

⁵⁷ SALDANHA, Alberto. op. cit., p.112

comunistas, isso é visível nas atas dos sindicatos e nos jornais locais, e até na memória de alguns operários presos políticos, como Jaime Miranda.⁵⁸

Na biografia de Rubens Colaço, militante do PCB, ele relata um pouco da entrada dos comunistas nesse cenário das fábricas têxteis no estado Alagoano, e fala da importância do Jornal, como auxílio para denúncias, deixando a classe operária um pouco representada:

Era um grupo aguerrido de militantes sindicais que atuavam nas fábricas de tecidos, na orla portuária de Maceió, na ferrovia e em vários bairros da capital. Tinham o Jornal A Voz do Povo funcionando, ora clandestino ora semilegal. Tínhamos forte atuação junto aos sindicatos dos padeiros.⁵⁹

3.1 .O Partido Comunista do Brasil

O Partido Comunista sempre tentando se articular, apesar da caça incansável de Silvestre Péricles, Arnon de Melo e Luís Cavalcante, governadores esses que sempre deixaram claro em seus discursos, o anticomunismo, o PCB travava uma luta de sobrevivência em um estado agrário e oligárquico, vivendo na clandestinidade, tendo seu registro cassado desde 1947, com pouca articulação no interior. O general Góes Monteiro, irmão de Silvestre Péricles, dois militares que haviam prendido os três deputados do PCB, eleitos legalmente, sem nenhum motivo aparente.⁶⁰

O Partido Comunista encontrou visibilidade na indústria têxtil, devido ao seu número de trabalhadores, mas com a criação da União Geral dos Trabalhadores em 1932, abre vários sindicatos: sapateiros, alfaiates, construção civil, entre outros. Tendo o partido seu auge entre 1954 e 1964, períodos esses bastante expressivos para a história brasileira, datas que representam o ano da morte de Getúlio Vargas e o ano do golpe civil-militar. Nesse período a direção do partido tinha 50% de operários, isso demonstra como é forte a consciência política na classe trabalhadora, nas fichas dos membros do partido, além da industrial têxtil, eram filiados: carteiro, sapateiro, jornalista e uma quantidade significativa de comerciante da Rua do Comércio.⁶¹

Esses elementos são indicativos de um período marcado por demandas populares, bem como dos atores que as capitaneavam, Além dos intelectuais comunistas, a psiquiatra tinha

⁵⁸ ALMEIDA, Luiz Sávio. **Notas sobre poder**: operários e comunistas em Alagoas. Maceió: Edufal, 2006.

⁵⁹ MAJELLA, Geraldo de. **Rubens Colaço**: Paixão e vida - A trajetória de um líder Sindical. Recife: Edições Bagaço, 2010, p.45.

⁶⁰ SALDANHA, Alberto. op. cit., p.115

⁶¹ SALDANHA, Alberto. op. cit., p.116

os ensinamentos e afeto pelas obras de Carl Gustav Jung⁶², ao qual foi aluna e teve um encontro memorável.⁶³

3.2 .Octavio Brandão e Laura Brandão

A ligação de Nise com o emblemático conterrâneo comunista Octavio Brandão, é retratado pela mesma, em um artigo que Nise descreve, o autor de *Canais e Lagoas*, e fala de Octavio e a sua família:

Com a biblioteca de Octavio colocada no alto de um armário, subindo em bancos, tomei contato com a obra de Nietzsche e Tolstói, livros sobre a Índia e muitos outros.

De frente da casa de Octavio erguia-se uma calçada alta. Nesta calçada brincavam as crianças. Como Octavio vivia sempre vigiado pela polícia (pelos “tiras”), nesta calçada estabeleceu um código entre as crianças que dava indicações para as fugidas de Octávio. Ex: erguer uma velha boneca de celuloide significa que Octávio podia sair de casa e descer a ladeira que ficava atrás, labirintada, até a cidade, onde ele se orientava em direção as portas das fabricas para falar aos trabalhadores e incentivá-los em suas reivindicações.⁶⁴

A historiadora Paula Palamartchuk, no livro *Novos Bárbaros*, traz essa relação, de admiração e amizade que ambos tinham, que foi, sem sombra de dúvida, um estímulo para o imaginário de psiquiatra Comunista, que se criou em torno da Nise da Silveira, ela que não foi uma militante rigorosa, no quesito de partido, panfletagem. Mas como já foi trabalhado ao longo do texto, sua vivência era de certa forma, um ato político:

Nise da Silveira tomou contato com o partido comunista e com sua política e teoria numa conferência realizada por Castro Rebelo sobre Direitos Marítimos. Em seguida, com a amiga Lya Cavalcanti, fora a algumas reuniões do partido e, numa das quais, acabou assinando uma ficha de filiação. Mas sem dúvida, foi a convivência com o casal comunista Laura e Octávio Brandão a responsável pela abertura de seu prontuário na 4ª Delegacia Auxiliar, na Seção de Ordem Social e Segurança Pública, no final de 1931, já que a casa dos Brandão era vigiada desde o Congresso do Bloco Operário e Camponês lá realizado, em 1928. Tal prontuário contém relatórios das atividades da médica e de seu marido, Mario Magalhães.⁶⁵

Sua relação com o casal comunista se deu, inicialmente dessa forma:

Nise da Silveira havia sido uma das poucas mulheres a assinar o manifesto dos trabalhadores intelectuais ao povo brasileiro, reproduzido no capítulo anterior. Sua convivência entre os anos 1927 e 1931, com Otavio Brandão e Laura Brandão, na Rua do Curvelo, no bairro de Santa Tereza (Rio de Janeiro). Onde era sua vizinha,

⁶² Um psiquiatra, que fundou a psicologia analítica, seus estudos influenciaram diversos segmentos, da psicologia, religião, inclusive da literatura. Suas teorias dão enfoque para o principio individual. Publicou mais de 40 livros, entre eles: O eu e o inconsciente, A energia psíquica, Psicologia e Religião etc.

⁶³ SILVA, José Otávio Motta Pompeu. op. cit., p. 456.

⁶⁴ BRANDÃO, Octávio. **Canais e Lagoas**, Vol. 1. Rio de Janeiro, Jacintho Ribeiro dos Santos, 1999, p. 313.

⁶⁵ PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Novos bárbaros**: escritores e comunismo no Brasil, 1928-1948. Maceió: EdUFAL, 2014, pp. 127-128.

possibilitou á medica, recém-chegada a cidade, uma aproximação com outros membros do Partido Comunista e com a teoria comunista e Marxista.⁶⁶

Octavio e Laura Brandão foram figuras marcantes dos embates políticos da época, tristemente Octavio foi esquecido. Na faculdade envolvido com estudos e temas acadêmicos de farmacologia, na Farmácia escutou a luta e a resistência do povo pobre, alagoano de Viçosa, município alagoano, uma cidade pauperizada, tirando daquele cenário subsídio para a sua consciência de classe, em prol dos trabalhadores. Laura, foi uma aguerrida militante no combate, a favor das melhorias para a classe trabalhadora e poetisa comunista.

Imagem 10: Laura e Octavio Brandão.



Fonte: História de Alagoas, disponível em: <https://www.historiadealagoas.com.br/octavio-brandao.html>. Acesso: 15/12/2019.

A relação da militância e Nise, fica subentendida, na forma que a mesma clinicava, tratava os seus pacientes, vindo essa dinâmica da sua própria leitura, dos estudos psiquiátricos na faculdade de Medicina, nas conversas com seu esposo, também médico Mario Magalhães, nas discussões no grupo de estudo, e principalmente na sua atuação como médica para mulheres carentes.

As relações de Nise da Silveira com membros do Partido Comunista e com escritores do movimento modernista revelam possibilidades de militância comunista. A atuação da medica na União Feminina Brasileira que havia fundada por mulheres comunistas em 1933 e na qual Nise atendia como médica mulheres sem recursos, duas vezes por semana em sua sede.⁶⁷

⁶⁶ PALAMARTCHUK, Ana Paula, op. cit., p. 128.

⁶⁷ PALAMARTCHUK, Ana Paula, op. cit. p. 128.

Esse encontro com os comunistas e a literatura comunista, principalmente com Otavio Brandão e Laura. A própria Nise, descreveu de maneira lúdica e detalhista, como se deu. Percebe-se que o encantamento por esse espaço, a epifania inicial foram os livros. Uma leitora nata, se deslumbrou pela biblioteca do Octavio Brandão, seu vizinho, no Rio de Janeiro:

Quando Octavio Brandão chegava, às vezes de longas ausências, Laura o recebia sempre alegre e recitava poesias que ela compusera para ele. Nunca ouvi reclamações naquela pobre casa.

Com a biblioteca de Octavio colocada no alto de um armário, subindo em bancos, tomei contato com a obra de Nietzsche e Tolstói, livros sobre a Índia e muitos outros. De frente da casa de Octavio erguia-se uma calçada alta. Nesta calçada brincava as crianças. Como Octávio vivia sempre vigiado pela polícia (pelos “tiras”), nessa calçada se estabeleceu um código entre as crianças que dava indicações para as fugidas de Octávio. Ex: erguer uma velha boneca de celuloide significa que Octavio podia sair de casa e descer a ladeira que ficava atrás, labirintada, até a cidade, onde ele se orientava em direção as portas das fábricas para falar aos trabalhadores e incentivá-los em suas reivindicações.⁶⁸

O fato de Nise, saber a dinâmica da saída do Octavio Brandão, conhecer a sua biblioteca, indica uma possível intimidade com a família, e as visitas constantes que ela fazia a casa do casal comunista, fazendo uma releitura da solidez da vida do casal, da análise do discurso deles e incorporando elementos novos, dando uma outra significância. Nise relata alguns desses momentos:

Em outubro de 1928. Octavio e o operário Minerviano de Oliveira foram eleitos vereadores! um grande acontecimento no mundo operário! Muitos sofreram por ocupar, por parte dos outros vereadores que faziam restrições a que representantes do mundo operário estivessem ao lado deles.

Nesse período, entrei uma manhã na casa de Laura. Vi que havia uma visita e dirigi-me para a cozinha. Laura logo dirigiu-me a mim sorridente. Você reparou como são lindas as de Minervino? Minervino era marmorista. Suas mãos eram ásperas e retalhadas pelo trabalho com a pedra. Olhei com supressa para as mãos de Minervino.

Laura havia me ensinado a descobrir beleza em todas as coisas. Senti-me numa academia diferente.⁶⁹

A antropóloga Luitgarde Oliveira, relata em seu artigo, *Liberdade e segurança nacional- A formação do intelectual* a relação que Nise tem com a Laura Brandão, e o entendimento da arte moderna, e como a doutora auxiliou para o casal comunista, fazer a militância nas portas das fábricas:

Nesta noite e em muitas conversas posteriores, ouvi da Doutora a importância de Laura e Octavio Brandão em sua formação, quando se iniciara em leituras de filósofos de diferentes correntes, conhecera a dialética por ela se encantado, e mergulhava na voragem da poesia e das artes plásticas- estimulada por Laura, sensível poetisa, que lhe apontava a beleza das mãos cheias de cicatrizes e calos do

⁶⁸ BRANDÃO, Octávio, op. cit., pp. 313-314.

⁶⁹ BRANDÃO, Octávio. op. cit., p. 314.

marmorista Guilhermino de Oliveira, na casa dos amigos- organizando o BOC (Bloco Operário Camponês) e a campanha para as eleições de Intendente (Vereador) do Distrito Federal em 1926. Esse aprendizado com Laura lhe ampliava as percepções do belo, fazendo- a posteriormente integrante o grupo que cultivou a arte engajada no Brasil, em torno de Portinari, Di Cavalcante (de quem foi musa em um belo quadro retratando-a segurando um gato). Mas tarde aproximou-se dos concretistas do grupo de Mario Pedrosa, quando já começava as experiências de terapia ocupacional no tratamento psiquiátrico.⁷⁰

A arte, antes das pinturas de mandalas dos pacientes, já era um assunto ao qual Nise já tinha uma apropriação. Trago aqui o quadro em que Di Cavalcanti⁷¹, pinta a alagoana

Imagem 11: Nise por Di Cavalcanti/1958



Fonte: Imagem extraída do site: < <http://oninhoeatempestade.blogspot.com> >
Acesso em: 08/12/2019.

⁷⁰ BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Liberdade e segurança nacional**: a formação do intelectual. In: José Otávio Motta Pompeu e Silva. (Org.). Nise da Silveira. 1ed. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2012, pp. 451-452.

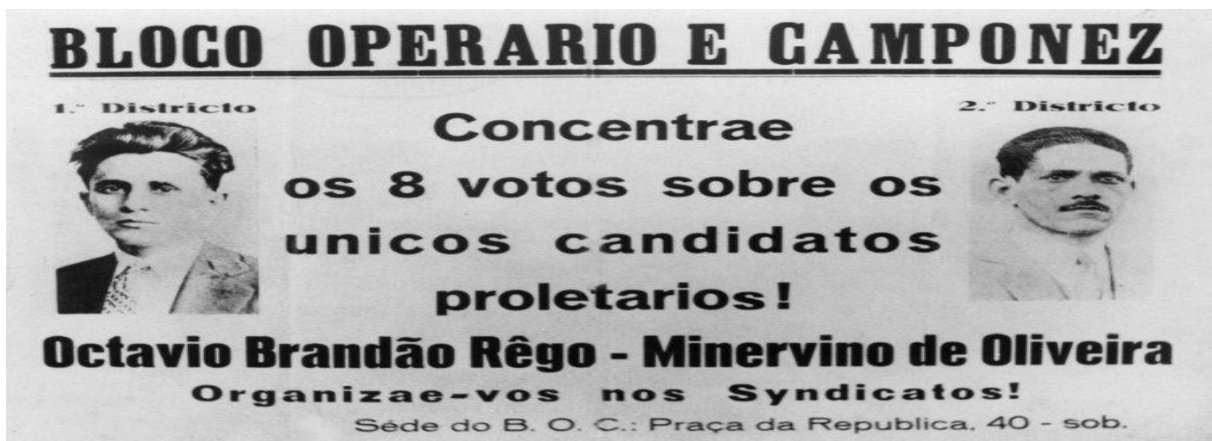
⁷¹ Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo, conhecido como Di Cavalcanti nasceu na Rua do Riachuelo, no velho centro do Rio. 1916: Entrou para a Faculdade de Direito no Rio de Janeiro, continuou seus estudos na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, quando da sua mudança para São Paulo, mas os abandonou em 1922 ca., exercendo a atividade de ilustrador de livros e vivendo a maior parte das duas décadas entre São Paulo e o Rio de Janeiro e realizando sua primeira exposição individual de caricatura em 1917 – Livraria “O Livro” – na capital paulista. 1922: Di Cavalcanti ajudou a idealizar e organizou a Semana de Arte Moderna no Teatro Municipal de São Paulo, verdadeiro ponto de inflexão no modo de ver o Brasil. 1935: Durante esta década, apesar de participações em exposições coletivas, salões nacionais e internacionais e sucessivas prisões de caráter político volta a Europa em 1935 permanecendo por cinco anos. 1940: Retorna ao Brasil, fixando-se em São Paulo, iniciando através de conferências e escritos a combater o abstracionismo. Continua a expor no Brasil e no Exterior, sempre rodeado por muitas mulheres, sua marca registrada.< <https://www.escriitoriodearte.com/artista/emiliano-di-cavalcanti>> Acesso: 11.06.2019

Nise alimentava respeito pelo casal comunista e relata a sua ajuda, como subsídio, para que eles pudessem militar, sendo o apoio na casa deles, para o cuidado com os filhos, fato que remete a sua biografia, não ter filhos, por decisão comum entre ela e o esposo, já nesse cenário, o texto mostra uma Nise Mãe, mas não pelo amor a maternidade, e sim, a uma causa política, o auxílio para que os pais pudessem fazer o trabalho de consciência de classe.

No coquetel de lançamento, sua filha Dionysia (filha de Octavio e Laura Brandão), muito emocionada, protesta contra as perseguições sofridas por seus pais, desde o banimento do país em 1931, até o esquecimento imposto pelo Partido Comunista que eliminou de sua História o importante papel desses militantes na vida intelectual, de agitação nas portas das fábricas, e de atuação desalienante em cursos e referências nas sedes de sindicatos e na imprensa comunista. Carinhosa, Dra. Nise lembrava as vezes em que, morando em frente ao casal Octavio e Laura, cuidara de suas crianças para que eles fossem para comícios, passeatas e reuniões organizativas do Partido. (SILVA.2013, p. 451)

As relações interpessoais foram determinantes para a formação pessoal de Nise, criando uma rede de intelectuais que mantinham diálogos e se propunham a manter essa aproximação, o contexto político, também era campo fértil para desencadear relações políticas como já mencionado no texto.

Imagem 12: O bloco operário e camponês: os comunistas vão às urnas.



Fonte: Autor desconhecido. Disponível em: <<https://waltersorrentino.com.br>> Acesso: 14.11.2019

A doutora Nise, apesar de ter vários trabalhos acadêmicos sobre a psiquiatria, e ter um gosto literário muito aguçado, constatou-se um texto literário que poderia ser da sua autoria, fato interessante e sintomático de sua trajetória, por ter sido encontrado o manuscrito na sua mesa, no Hospital Engenho de Dentro. Entende-se que no meio do caos, do descaso do Estado, das condições precárias que a médica encontrava no seu ambiente de trabalho, na luta

de proporcionar uma vivência digna para os seus cliente; dando um pouco de dignidade, ela se debruçou para escrever um romance.

Entre os anos de 1933 e 1935, aproximadamente, uma das poucas psiquiatras brasileiras e militante do partido comunista, Nise da Silveira escreveu um pequeno romance ou, ao menos, o traduziu. Sem título e sem indicação de autor os manuscritos desta ficção permaneceram alguns anos entre seus papeis, sobre a sua mesa de trabalho no Hospital Psiquiátrico Nacional do Rio de Janeiro, onde era funcionária desde 1933. Havendo uma cópia manuscrita e várias datilografias com anotações de revisão, a novela apresenta como sendo do próprio cunho da psiquiatra.⁷²

Sua participação na política e na literatura, como é notório, foi entrelaçada, singela, um contato que não se dava por inteiro, ao mesmo tempo que tinha uma dimensão importante, devido ao impacto que era causado aos sujeitos envolvidos na política, apesar das duas prisões, foi uma pessoa que ficou ao lado, de fato, da linha de frente. Essa figura que teve contato com os militantes políticos e literários, de forma direta, como Octavio Brandão e Graciliano Ramos, e até seu também vizinho, Manuel Bandeira.

A participação de Nise da Silveira dá outra dimensão à militância comunista dos anos trinta, já que ela não era uma autora consagrada, nem mesmo política, mas que atuou junto aos escritores e a intelectualidade próxima ao comunismo, ao mesmo tempo que revelou uma intelectual participação com a teoria comunista.⁷³

A história do partido comunista é cheia de controvérsias, fluxos e refluxos, onde foi palco de muitos intelectuais, figuras como Jorge Amado, Caio Prado, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Vinicius de Moraes, Astrojildo Pereira e José Luís do Rego. Os literários, em sua maioria, tinham grande destaque no cenário político. Vale ressaltar que em 1953, no Rio de Janeiro, foi publicado *Memórias do Cárcere* de Graciliano, no qual cita um desconforto de Nise com a literária Rachel de Queiroz:

Sabia-a culta e boa, Rachel de Queiroz me afirmava a grandeza moral daquela pessoinha tímida, sempre a esquivar-se, a reduzir-se, como a escusar-se de tomar espaço. Nunca me havia parecido criatura mais tímida. O marido também médico, era um velho conhecido Mario Magalhães. Pedi notícias dele: estava em liberdade. E calei-me, num vivo constrangimento.

De pijama, sem sapatos, seguro a verga preta, achei-me ridículo e vazio; certamente causava impressão muito feliz. Nise, acanhada, tinha um sorriso doce, fitava-me os bugalhos enormes, e isto me agarrava a perturbação, magnetizava-me.⁷⁴

Não era recíproca, a admiração de Nise, para Rachel de Queiroz:

Em uma das conversas durante o tempo que passaram na enfermaria, Graciliano contou que já tinham informações sobre Nise; a escritora Rachel de Queiroz tinha elogiado a grandeza moral de Nise. Ao saber disso, Nise surpreendeu Graciliano dizendo que não achava nenhum caráter em Rachel de Queiroz. Não perdoava a

⁷² PALAMARTCHUK, Ana Paula, op. cit., p. 126.

⁷³ PALAMARTCHUK, Ana Paula, op. cit. p. 128.

⁷⁴ Ramos, Graciliano. *Memórias do cárcere*. 46ª ed. São Paulo: Record, 2013. p. 72

escritora por ter dito em um programa de Rádio que Nise a acusava de ser trotskista. Este fato rememorava o episódio da expulsão do partido comunista. (SILVA, 2013, p.72)

A alagoana procurou o “belo” na psiquiatria e o encontrou nos quadros, a pintura não era apenas arte e cultura, e sim, uma maneira de chamar a atenção da sociedade para ver o descaso que acontecia naquele ambiente, as mandalas eram sinônimos de denúncia, em que refletia em uma sociedade alienada e alucinante. Nise aponta o olhar dos intelectuais para a psiquiatria asilar. No quesito gênero, a sua feminilidade e fragilidade corpórea não foi sinônimo de fraqueza de postura, teve companheiras como Laura Brandão, Olga Prestes, e outras que foram um referencial para a própria médica.

Em 1999, faleceu na cidade do Rio de Janeiro, sepultada no cemitério de São João Batista, no Bairro do Botafogo. Nise, além de artigos, deixou os seguintes livros publicados: *Imagens do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981; *Artaud, a nostalgia do mais*. Rio de Janeiro: Numem Editora, 1989; *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995; *O mundo das imagens*. São Paulo: Editora Ática, 1992; *Gatos, a emoção de lidar*. Rio de Janeiro: Léo Cristiano Editorial, 1998.

3. CONCLUSÃO

A ideia de elaborar um trabalho com essa temática, foi a partir da experiência de vida com relação ao convívio com pessoas do sexo feminino, ou seja, sou de uma família de cinco irmãs, em convívio com minha esposa e uma filha, tenho aumentado o aprendizado observando as mesmas em seu cotidiano.

No curso de história, interessei-me pelos trabalhos voltados para as questões de gênero, em virtude saber que na historiografia as mulheres figuram, muitas vezes apenas como coadjuvante, e isso me inquietava. Dessa forma pude conferir através dos textos trabalhos na sala de aula, os vários exemplos onde a mulher era mencionada em segundo plano.

Iniciei a pesquisa tentando percorrer os passos da Nise, em Alagoas. No arquivo da Cúria Metropolitana de Maceió, encontrei sua certidão de Batismo. No Colégio Santíssimo Sacramento, tentei achar o histórico, ou algum documento que tivesse algum registro da sua permanência. Mas em inúmeras visitas, sem sucesso, a secretaria se comprometeu a ajudar, mas houve vários imprevistos, como a reforma do arquivo da Escola. No cartório consegui, a certidão de nascimento. Visitei o Hospital da Mulher, mas não consegui falar com os diretores ou algum responsável que pudesse me dar uma informação sólida, se havia algum monumento na parte interior do Hospital, sobre a Nise. Também, procurei o Hospital Portugal Ramalho para visitar a suposta sala, que é o Memorial da Nise, haja vista a informação da existência dessa sala na internet, as assistentes sociais não me deram uma resposta coerente, fui enfático, perguntando se realmente existia a sala, falaram que sim, perguntei se poderia visitar, passaram para outro setor do hospital, continuando assim, sem sucesso ao acesso.

O filme *O Coração da Loucura*, de Direção Roberto Berliner com Glória Pires, no papel da Nise, lançado em 1996, foi um instrumento muito útil, para esse trabalho, pois estudei de maneira lúdica, o comportamento da médica. Ganhou o grande prêmio do Cinema Brasileiro, na categoria ator coadjuvante 2017, por Flávio Bauraqui que interpretava o paciente Octávio Ignacio.

No Hospital Psiquiátrico Portugal Ramalho, em uma das minhas visitas, deparei-me com uma feira de artesanato, no final do corredor, me pareceu que fosse produzido pelos internos, não tive contato com os coordenadores da feira, pois estava passando rapidamente, na saga de colher informações sobre a Nise, em direção à sala da assistente social do dia. A dificuldade foi tamanha, devido à escala dos funcionários, a assistente social da primeira visita não era a assistente da visita posterior, então reiniciava o

trabalho. Outro fator, que chamou atenção no Hospital Portugal Ramalho, foi a pintura de quadros nos corredores, que pareciam ser de pacientes, porém não tive tal informação.

A psiquiatra Nise da Silveira, em 1971, ganhou o Troféu Golfinho de Ouro, do Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro. Em 1973, seu nome foi escolhido pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, para figurar entre as dez mulheres do ano. Em 1974, foi admitida como personalidade global feminina, conferida pelo Jornal *O Globo* e pela Rede Globo de Televisão. Em 1975, obtém do Governador Chagas Freitas, Medalha do Estado da Guanabara, por Serviços prestados. Em Maceió, em 1979, homenagem no XIV Congresso Nacional de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental, realizado em Maceió. Em 1981, recebe uma medalha do Mérito Osvaldo Cruz, por meio do decreto de 14 de abril, outorgado pelo presidente da República João Batista Figueiredo e pelo ministro da saúde, Waldir Arcoverde. Em, 1983, ganha a Comenda Desembargador Mário Guimarães, outorgada pela Assembleia Legislativa de Alagoas. Na antiga Escola de Ciências médicas de Alagoas, atual Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas, adquiri o título de Professor *Honoris Causa*, em 4 de março de 1988. Medalha Peregrino Junior, da União Brasileira de Escritores e Prêmio Personalidade do ano, da Associação Brasileira de Críticos da Arte, no ano de 1992. No ano do seu falecimento, 1999, o governador de Alagoas, por meio de decreto nº 38.267, de 30 de dezembro de 1999, instituiu a Comenda “Nise da Silveira”, que deverá ser concedida a personalidade feminina, brasileira ou estrangeira, em vários campos, personalidades que se destacaram ou se destaca em defesa da cidadania.

Dessa forma, finalizando, espero ter mostrado o quanto Nise foi importante para a psiquiatria e a terapia ocupacional, a trajetória dessa alagoana corajosa, as mudanças implantadas por ela no que diz respeito ao tratamento de pessoas com doença mental. Nise, foi de fato uma figura muito importante da nossa história, tinha uma habilidade para se firmar em um período onde tudo era mais difícil, e a alagoana se superou em um ambiente majoritariamente masculino. Ela tinha que provar o tempo todo o seu valor, no trabalho, no convívio com os seus correligionários do partido, na vida de uma maneira geral.

REFERÊNCIAS

2) Fontes:

ARQUIVO DA CÚRIA METROPOLITANA DE MACEIÓ. **Certidão de Batismo**. Livro 18, folha 114v, sob o número 354.

NISE: Coração da loucura, Direção de Roberto Berlie/ Produção de Rodrigo Letier, 2015, 108 minutos. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acessado em: 15 de dezembro de 2019.

3) Bibliográficas:

ABREU, Alzira Alves de(org.). **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

ALMEIDA, Luiz Sávio. **Notas sobre poder**: operários e comunistas em Alagoas. Maceió: Edufal, 2006.

BEZERRA, Elvia. **A trinca do curvelo**: Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e Nise da Silveira. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Jorge. **Prisioneiro do Mito**: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956), Niterói/RJ: EdUFF/Mauad, 2001.

GULLAR, Ferreira. **Nise da Silveira**: Uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MELO, Walter. **Nise da Silveira**. Rio de Janeiro: Editora Imago/ Conselho Federal de Psicologia, 2001.

MELO, Walter. Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. In: Mnemosine, São João Del-Rei, Vol.5, nº2, pp. 30-52, 2009.

MELLO, Luiz Carlos. **Nise da Silveira**: caminhos de uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Automática, 2014.

MORAES, Fernando. **Olga**. São Paulo: Companhia das Letras, 1985.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Revista Estudos Feministas. Florianópolis, vol.8, n.2, Florianópolis: UFSC, 2009.

NISE da Silveira. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br> >. Acesso em: 19 de out. 2019.

PALAMARTCHUK, Ana Paula. **Novos bárbaros: escritores e comunismo no Brasil, 1928-1948.** Maceió: EdUFAL, 2014.

PANDOLFI, Dulce. **Camaradas e companheiros: História e memória do PCB.** Rio de Janeiro: Relume- Dumará, 1995.

PEDRO, Joana. **Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica.** Revista História. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

POMPEU E SILVA, José Otavio. **A arte na terapia ocupacional de Nise da Silveira.** 2011. 235p. Tese (Doutorado em Artes). UNICAMP, Programa de Pós-graduação em Artes, Campinas, 2011.

POMPEU E SILVA, José Otavio. **Nise da Silveira,** 2013. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes - (Memória do Saber)

RAMOS, Graciliano. **Memórias do cárcere.** 46º ed. São Paulo: Record, 2013.

SALDANHA, Alberto. **A indústria Têxtil, a classe operaria e o PCB em Alagoas,** Maceió: Edufal, 2011.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. In: **Educação & Realidade,** Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Hélio. **Vargas: Uma Biografia política.** Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.

VAINFAS, Ronaldo. **Os protagonistas anônimos da História: Micro- História.** Rio de Janeiro, Campus, 2002.

c) Sites:

<http://casadaspalmeiras.blogspot.com/>

<http://www.museuimagensdoinconsciente.org.br/#nise-da-silveira>

<http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/encontro-com-jung.php>

<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/nise-da-silveira/arte-e-psiquiatria>

/

<http://tvbrasil.ebc.com.br/estudiomovel/episodio/conheca-o-legado-da-psiquiatra-nise-da-silveira>

ANEXOS



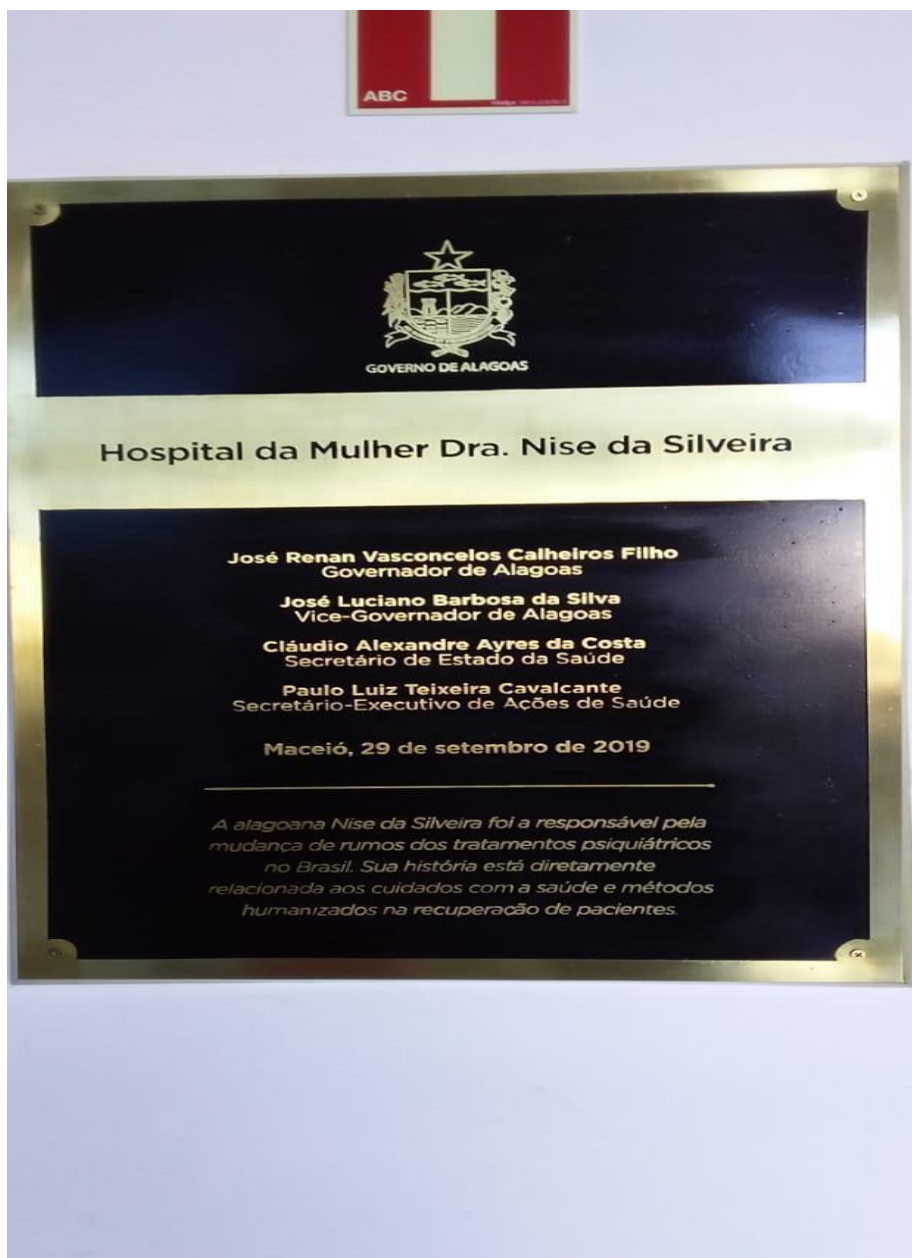
Homenagem da prefeitura de Maceió, inaugurada em 30/07/2019, no Corredor Vera Arruda, no Bairro Jatiuca, Maceió, Alagoas. Fonte: Acervo pessoal



Hospital Psiquiátrico Portugal Ramalho, Bairro Farol. Maceió-Alagoas, Fonte: Acervo Pessoal.



Hospital Psiquiátrico Portugal Ramalho, Bairro Farol Maceió- Alagoas, Fonte: Acervo Pessoal.



Placa do Hospital da Mulher Dr^a Nise da Silveira, localizado no poço, Maceió-AL
Fonte: Acervo pessoal.

PRIO REG. CIVIL E TABELIONATO
1º DISTRITO MACEIÓ - AL
 RUA DIAS CABRAL, 199 - CENTRO
 Francisco de Assis Figueiredo Barbosa
 Tabelião
 Clomadsom Anselmo Figueiredo Barbosa
 Substituto
 Jacira Santos Costa
 Escrevente
 José Andrylison Silva Lisboa
 Escrevente

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS

Certidão de Nascimento
 Nome:
NIZE

CPF
SEM INFORMAÇÃO

Matrícula:
 002816 01 55 1905 1 00011 086 0000056 24

Data de nascimento (por extenso)
 Quinze de fevereiro de mil novecentos e cinco

Dia Mês Ano
 15 02 1905

Hora de nascimento
 02h00min

Naturalidade
 Maceió/AL

Município de registro e UF
 Maceió-Estado de Alagoas

Local, Município de nascimento e UF
 Rua Conselheiro Lourenço de Albuquerque,
 136, desta cidade

Sexo
 Feminino

Filiação
 FAUSTINO MAGALHÃES DA SILVEIRA e MARIA LYDIA DA SILVEIRA

Avós
 Luiz José da Silveira, Henriqueta Magalhães da Silveira, Francisco Antonio de Oliveira e
 Carolina Brunes de Oliveira e Silva

Gêmeo(s)
 Não

Nome e matrícula do(s) gêmeo(s)
 Nada consta.

Data do registro (por extenso)
 Dezesesseis de fevereiro de mil novecentos e cinco

Número da Declaração de Nascido Vivo
 Não consta

Averbações/Anotações à Acrescer
 Ato registrado no livro A-11, às folhas 86, sob o nº 56.

Anotações de Cadastro
 Nada consta
 * As anotações de cadastro acima não dispensam a apresentação do documento original, quando exigida pelo órgão solicitante.

Nome do ofício
 Registro Civil do 1º Distrito de Maceió
 Fone: (82) 3221-1838

Oficial registrador
 Francisco de Assis Figueiredo Barbosa

Município/UF
 Maceió/Estado de Alagoas

Endereço
 Rua Dias Cabral, 199 Centro

O conteúdo da certidão é verdadeiro. Dou fé.
 Maceió, 5 de junho de 2019

Jacira Santos Costa
 Escrevente

REC. AL
CERTIDÃO E
AVERBAÇÃO
AD922679

AA 366363

Certidão de Nascimento da Nise da Silveira. Fonte: Acervo pessoal



Província Eclesiástica de Maceió
Arquidiocese de Maceió
 Av. Dom Antônio Brandão, 559-A Farol 57021-190 Maceió-AL
 Tel.: (82) 3223-2732 Tele fax: (82) 3372-7046
 CNPJ 12.155.388/0001-89

CERTIDÃO DE BATISMO

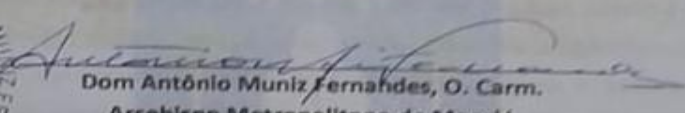
Paróquia de: Nossa Senhora dos Prazeres, Catedral Metropolitana de Maceió- AL

Certidão Extraída para Pesquisa

Certifico que, no Livro nº 18 dos registros de batizados desta Paróquia, às folhas 114 v. sob o nº 354 se encontra o seguinte termo de batismo de NISE, nascida em 15 de fevereiro do ano de mil novecentos e cinco (1905), filha de Faustino Magalhães da Silveira e Maria Lydia da Silveira. O Batismo foi realizado no dia 25 de maio de mil novecentos e cinco (1905), na Catedral, foi o celebrante o Revmo. Vigário C. O. Costa. Foram padrinhos Luis José da Silveira e por devoção Nossa Senhora do Bom Parto.

Obs.:

Cúria Metropolitana de Maceió, em 09 de outubro de 2019.



Dom Antônio Muniz Fernandes, O. Carm.
 Arcebispo Metropolitano de Maceió



Província Eclesiástica de Maceió

Livro Despacho nº XVI

Fls. 66 RS 50,00

Certidão de Batismo da Nise da Silveira. Fonte: Acervo Pessoal.